

CONVERGÊNCIAS
HUMANAS



CONVERGÊNCIAS
URBANAS

• 2013 •

Marta Almeida Santos

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento de uma tese de mestrado é um percurso pessoal mas não totalmente isolado e os contributos assumem as mais diversas formas e surgem em diferentes circunstâncias.

Assim sendo, gostaria de manifestar a minha sincera estima e gratidão para com algumas das pessoas imprescindíveis á construção do projecto apresentado:

Á co-orientadora do projecto final de mestrado, Rita João, e ao Pedro Ferreira, por uma orientação exemplar, pela constante presença, disponibilidade e interesse. Não adquirindo uma postura limitativa e rígida, mantiveram-me sempre estimulada, dando-me as ferramentas necessárias para construir não só o projecto mas também a minha visão e identidade.

Ao João Moreira, ao Bernardo Gramaxo e á Maria Magro, pelo auxílio em diferentes fases do desenvolvimento do projecto.

À Carolina Neto Henriques, à Joana Mateus Ferreira e à Rita Almeida Santos, a minha irmã, por se terem manifestado amigas incansáveis. Pela contínua motivação e pelas longas discussões sobre um projecto enriquecido por diferentes perspectivas proporcionadas pela formação académica de cada uma (Estudos Urbanos, Arquitectura de Interiores e Cinema, respectivamente).

Ao meu avô, Eduardo Almeida Santos, pela experiência e conhecimento sem os quais não seria possível

superar obstáculos inerentes ao processo de concepção e construção de muitos dos objectos que constituem o projecto final.

Agradeço ainda às Modistas de Lisboa, pela dedicação e perfeccionismo demonstrados ao longo da produção de um dos projectos incluídos no relatório.

E finalmente, aos meus pais, pelo apoio e incentivo incondicionais, pela inestimável presença, confiança e interesse no meu trabalho e nas minhas capacidades.

A alteração do modo de viver nas cidades provocou uma reorganização de prioridades e valores, sendo que os indicadores económicos deixaram de ser o principal factor de medida da qualidade de vida.

Actualmente assiste-se a uma crescente preocupação com a melhoria do bem-estar dos habitantes de áreas metropolitanas, que passa pela qualidade das experiências de vivência que nelas têm lugar.

Tanto as entidades públicas como privadas manifestam agora um claro empenho em criar condições que potenciem um estilo de vida mais saudável, económico e gratificante.

A construção de um meio habitável, que proporcione uma boa qualidade de vida, passa não só pelo estímulo ao desenvolvimento económico mas, também, pelo envolvimento da população no processo de requalificação do território e ainda pela dinamização de actividades e programas culturais que promovam a economia local, bem como a interacção com e entre os cidadãos.

Perante esta conjuntura, o seguinte projecto propõe uma reflexão sobre boas práticas cívicas e o seu impacto na paisagem urbana e sobre como o design de produto pode intervir na regeneração do meio cosmopolita.

Através de objectos que estimulam a interacção

entre os cidadãos e a destes com o espaço público, o design de produto actua indirectamente sobre a transformação social, assumindo-se como ferramenta que não só facilita como potencia o espírito cívico e comunitário em emergência no ambiente urbano.

Palavras-chave design urbano, regeneração urbana, apropriação, interacção, cidadania.

ABSTRACT

+ keywords

The shift on the way of living in the cities led to a reorganization of priorities and values, and the economic indicators are no longer the main factor to measure of the quality of life.

Nowadays it is possible to witness a growing concern with welfare improvement of people living in metropolitan areas, which pass through the quality of the experience of living that takes place in there.

Both public and private entities now manifest a clear commitment to creating conditions that foster a more healthy, economical and rewarding lifestyle.

The construction of a livable environment, a one that provides a good quality of life, doesn't only consider the economic growth but also the participation of the population in the development planning process, the promotion of cultural activities and programs that promote not only local economy but also interaction between citizens.

Given this situation, the following project proposes a reflection on civic and human practices and their impact on the urban landscape and how product design can intervene in its regeneration.

Through objects that encourage interaction between citizens and the same with the public space, product design acts indirectly on social transformation, assuming itself as a tool that not only facilitates but

stimulates civic and community spirit at rise in the city environment.

Keywords urban design, urban regeneration, appropriation, interaction, citizenship.

INDÍCE

. 00

Agradecimentos . 1

. 02

Índice de Figuras . 11

. 04

Estado Da Arte

Fundamentos teóricos . 27

Análise de projectos de
referência . 42

. 06

Conclusões

Considerações finais . 97

Questões por responder |

Desenvolvimentos futuros . 99

. 08

Anexo I . 116

. 01

Resumo

Palavras-Chave . 3

Abstract

Keywords . 5

. 03

Introdução

Objectivos do projecto . 17

Problema / Desafio . 20

. 05

Descrição Do Projecto

Descrição do contexto do projecto . 57

Metodologias . 63

Desenvolvimento do projecto . 66

Apresentação dos resultados . 72

. 07

Referências Bibliográficas . 104

Bibliografia consultada . 107

Bibliografia electrónica consultada . 111

. 09

Anexo II . 120

INDÍCE DE FIGURAS

Fig.1 Off-ground, 2013

Fonte: <http://www.gittenygaard.com/index.php?/projects/off-gnd/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.2 Off-ground (detalhe), 2013

Fonte: <http://www.gittenygaard.com/index.php?/projects/off-gnd/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.3 Off-ground (utilização), 2013

Fonte: <http://www.gittenygaard.com/index.php?/projects/off-gnd/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.4 Walklet, 2010

Fonte: <http://rebargroup.org/walklet/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.5 Walklet (contexto), 2010

Fonte: <http://rebargroup.org/walklet/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.6 Walklet (detalhe), 2010

Fonte: <http://rebargroup.org/walklet/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.7 21 Balançoires, 2011 - 2013

Fonte: <http://www.dailytouslesjours.com/project/21-balancoires/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.8 21 Balançoires (utilização), 2011 - 2013
Fonte: <http://www.dailytouslesjours.com/project/21-balancoires/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.9 21 Balançoires (detalhe), 2011 - 2013
Fonte: <http://www.dailytouslesjours.com/project/21-balancoires/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.10 SMSlingshot, 2011
Fonte: <http://trampoline.org.uk/tracingmobility/events/event/christian-zollner-projectinstallation-smslinsgshot/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.11 SMSLINGSHOT (contexto), 2011
Fonte: <http://vimeo.com/55813349>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.12 SMSlingshot (contexto), 2011
Fonte: <http://rebelart.net/vrurban-smslinsgshot/005846/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.13 Escale Numérique, 2012
Fonte: <http://www.mathieulehanneur.fr/projet.php?projet=174>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.14 Escale Numérique (utilização), 2012
Fonte: <http://www.mathieulehanneur.fr/projet.php?projet=174>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.15 Escala Numérique (detalhe), 2012

Fonte: <http://www.mathieulehanneur.fr/projet.php?projet=174>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.16 Superkilen (perspectiva aérea), 2011

Fonte: <http://superflex.net/tools/superkilen>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.17 Superkilen (praça vermelha), 2011

Fonte: <http://superflex.net/tools/superkilen>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.18 Superkilen (mercado negro), 2012

Fonte: <http://superflex.net/tools/superkilen>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.19 Points, 2013

Fonte: <http://breakfastny.com/points/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.20 Points (exemplo), 2013

Fonte: <http://breakfastny.com/points/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.21 Points (detalhe), 2013

Fonte: <http://breakfastny.com/points/>, consultado dia 7 de Outubro de 2013.

Fig.22 CORTINA, detalhe

Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.23 CORTINA, detalhe de utilização
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.24 CORTINA, 1,39 x 1,34 m, Cambraia
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.25 CORTINA, utilização
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.26 ALCOVITEIRO, detalhe
Fotografia por Joana Cardoso

Fig.27 ALCOVITEIRO, 1,59 x 0,55 m, pinho + mdf
folheado em folha de pinho
Fotografia por Joana Cardoso

Fig.28 ALCOVITEIRO, utilização
Fotografia por Joana Cardoso

Fig.29 PINGO, 225 x 43 mm, plástico
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.30 PINGO, detalhe
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.31 PINGO, utilização
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.32 PINGO, detalhe de utilização
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.33 PINGO, contexto
Fotografia por Bernardo Gramaxo

Fig.34 DÉDALO, dimensão variável, aço e pinho
Fotomontagem pela autora

Fig.35 DÉDALO, utilização
Fotomontagem pela autora

Fig.36 DÉDALO, detalhe
Fotomontagem pela autora

Fig.37 OCUPA, 200 x 200 x 200 mm, faiança vidrada
Fotomontagem por Rita Almeida Santos

Fig.38 OCUPA, conjunto
Fotografia pela autora

Fig.39 OCUPA, contexto
Fotografia pela autora

INTRODUÇÃO

Objectivos do Projecto

O presente projecto propõe uma reflexão sobre o contributo da cultura material para o enriquecimento do meio urbano e sobre possíveis soluções criativas que lhe permitam assumir um papel activo na vida social e cultural da urbe.

Através da criação de objectos que exerçam algum tipo de influência sobre o espaço público, procura-se contribuir para que este se torne num espaço de fruição e interacção, ultrapassando o estatuto de mero local de passagem.

Pela criação das devidas condições e estruturas, é sugerido o desenvolvimento de diversas actividades naquele espaço, revitalizando a paisagem urbana e tornando-a mais apelativa e interessante na perspectiva da experiência do utilizador.

Segundo o geógrafo David Harvey, “a liberdade de construir e reconstruir as nossas cidades é um dos direitos humanos mais precioso e mais negligenciado” (Harvey, 2008, p. 2)¹.

Em conformidade com essa premissa, pretende-se sensibilizar os cidadãos para o poder que têm sobre o local em que vivem, alertando para o seu direito e obrigação de agir criticamente sobre o mesmo.

¹ “freedom to build and rebuild our cities it is one of the most precious and most neglected human rights”. Tradução livre.

A intervenção colectiva sobre um espaço não só lhe atribui determinadas características identitárias como contribui para a afirmação do sentimento de pertença. Por outras palavras, a forma como o espaço é apropriado pelos seus utilizadores irá evidenciar a identidade de determinado local.

Os objectos concebidos pretendem destinar-se ao incentivo do espírito cívico, alertando para o facto de que através de acções simples é possível intervir de modo crítico e criativo sobre o espaço.

Tendo como referência de dinâmica social urbana o bairrismo lisboeta, procura-se potenciar um estilo de vida participativo e o orgulho nos bairros construídos recentemente.

O projecto final debruça-se sobre um conjunto de práticas centradas em preocupações ambientais e sociais. O projecto final é particularmente influenciado por questões como o estímulo do comércio local de pequena escala, a mobilidade alternativa ao transporte motorizado, a utilização de terreno para cultivo ou a participação activa em programas culturais, sendo que estes factores também contribuem para a construção de uma sociedade sustentável do ponto de vista económico, social e ambiental.

O conjunto de peças concebidas visa a alteração da forma de viver e sentir a cidade, de modo experimental, esporádico e criativo.

Segundo uma óptica pessoal, pretende-se abordar uma vertente do design intimamente ligada a outras áreas de especialização – como a arquitectura, o urbanismo e as ciências sociais – cuja prática pressuponha um trabalho de equipa e de colaboração entre diferentes agentes que pretendam actuar especificamente sobre questões relativas a determinada realidade social, analisando-as e concebendo um modo de contribuir com melhorias para o quotidiano de um público alargado.

Problema / Desafio

Segundo Florida (2004), “se no passado as pessoas encontravam-se ligadas por instituições sociais e formavam a sua identidade em grupo, uma característica fundamental da vida actual é o esforço pela construção de uma identidade pessoal e individual” (p.7) Num mundo que acentua o esforço pela diferenciação e individualização, a noção de comunidade adquire uma dimensão muito limitada que frequentemente negligencia o seu papel no plano da motivação decorrente de um esforço e participação colectivos, nomeadamente visando a melhoria do seu habitat.

Este fenómeno resultou de diversos factores e correntes ideológicas que influenciaram o modo como as cidades foram construídas e geridas.

O urbanismo modernista, uma corrente situada nos primórdios do século XX, defendia uma visão funcional e estruturada da cidade², concebida segundo um ideal social, caracterizado “por um predomínio de habitação unifamiliar, a dependência do transporte automóvel e uma estrita separação de usos do território”

2 Até certo ponto, é possível estabelecer o paralelismo entre o urbanismo modernista e o fordismo, sendo que ambos resultam do optimismo e da confiança nos avanços tecnológicos característicos da época. Ambos defendiam a especialização, uniformização e produção massificada.

(Natrasony & Alexander, 2004, p.3)³.

A racionalidade e organização visual características do ideal estético e intelectual vigente resultaram na divisão de áreas urbanas segundo a função que cada uma desempenhava, estratificando a cidade de acordo com zonas económicas ou residenciais, interligadas por redes de transporte individual.

Encarando o automóvel como principal meio de deslocação na cidade, o plano urbanístico moderno dedicou-se principalmente ao estudo de tendências de tráfego de modo a criar infra-estruturas que pudessem acomodar o maior número de carros, negligenciando assim outros meios de deslocação, como o pedestre ou os transportes públicos, cruciais á dinâmica social.

“O urbanismo modernista, que coloca as lojas num local, as ruas noutro, os jardins ainda noutro e ainda os escritórios noutro, obriga os cidadão a deslocações constantes, privando-os da cidade enquanto casa colectiva” (Guedes, 1987, p.17).

Este foi um plano concebido para uma baixa densidade populacional, sendo que o crescimento constante da população na área cosmopolita teve como consequência uma dispersão da população, que deu origem á desconcentração urbana⁴.

3 *“by a predominance of single-family dwelling, the dependence of motor transport and strict separation of uses of the territory”*. Tradução livre.

4 Entenda-se como desconcentração urbana o fenómeno de dispersão de pessoas, indústria, comércio e administração por

O crescimento acelerado da população residente na metrópole teve também um impacto no modo como o cidadão percebe este meio, constantemente ocupado por pessoas novas, de diversas culturas, etnias e nacionalidades.

De acordo com Wirth⁵, “a dimensão dos aglomerados urbanos tende a destruir os laços comunitários, substituindo-os pela concorrência e a segregação das relações sociais. Tende a provocar o anonimato, a superficialidade e a ausência de participação, características da personalidade urbana.” (Guedes, 1987, p.17).

Em 2010, 50% da população mundial vivia em cidades e nos 40 anos seguintes esta estimativa será inflacionada para 75%, pelo que num futuro próximo as pessoas irão habitar ambientes sobrelotados, inseguros áreas fora das tradicionais regiões urbanas e a conseqüente “re-estruturação contemporânea de tais regiões em domínios multi-centrados” (Gottdiener, 1993).

5 Louis Wirth (1897 – 1952) foi um sociólogo urbano americano, membro da Escola de Sociologia de Chicago, termo utilizado para aludir simultaneamente à Universidade de Chicago – cujo departamento de sociologia é ainda hoje bastante prestigiado – e à corrente de pensamento sociológico que analisa de um ponto de vista quase antropológico o comportamento humano e a influência do meio urbano (tratando este como um habitat) no mesmo. Wirth destacou-se principalmente pelos estudos levados a cabo sobre questões relacionadas com o ambiente urbano, classes minoritárias e meios de comunicação de massas e por procurar aplicar constantemente os estudos sociológicos à solução de casos objectivos da realidade social.

ros e inóspitos, caso não sejam propostas novas soluções.

Assim se compreende que o anterior paradigma se encontre agora em mutação. A crescente consciência e preocupação para com esta questão manifesta-se hoje sob a forma de correntes emergentes, como o novo urbanismo ou urbanismo táctico. Este movimento apela ao espírito cívico dos cidadãos, pugnando por práticas simples e muitas vezes temporárias que terão como efeito uma diferente apropriação e alteração do meio urbano, com o intuito de o revitalizar e de aumentar o bem-estar de quem nele habita.

Tanto os departamentos de planeamento urbano das cidades, como entidades privadas têm agora maior preocupação com o factor humano, em especial com a melhoria das condições de vida dos cidadãos, concentrando-se na criação de espaços passíveis de habitar, na criação de programas e estratégias que visem o contacto, interacção e colaboração entre residentes de determinada comunidade e destes com as entidades envolvidas no processo.

Este tipo de abordagem implica e pressupõem uma actuação colectiva e inclusiva, envolvendo a comunidade na construção e transformação da metrópole.

A visível preocupação com as condições de vida na cidade e o desejo de as alterar são muitas vezes manifestados por eventos como o festival UP (urban pro-

tototyping) San Francisco⁶, que se apresenta como um laboratório de experimentação social, exibindo soluções, físicas, digitais e interactivas para os mais diversos problemas associados ao quotidiano citadino.

Neglected Cities, um projecto que partiu inicialmente do programa de mestrado em design da Central Saint Martins College of Art & Design, em Londres, consiste numa plataforma na qual é possível assinalar os espaços devolutos dispersos pelos bairros de Londres e sugerir qualquer tipo de actividade que se possa desenvolver nesses locais.

O investimento do município de Copenhaga em condições de circulação para transportes alternativos aos veículos particulares, nomeadamente a bicicleta⁷,

⁶ UP San Francisco é um festival de design anual inaugurado em 2012, que estabelece a ponte entre a comunidade local, designers, artistas e urbanistas através da organização de conferências e debates em torno de diversas questões associadas à qualidade de vida nas cidades e de intervenções criativas ao longo da cidade.

⁷ A bicicleta é um meio de deslocação rápido pela cidade, de impacto ambiental nulo e que exige menores cuidados de manutenção e intervenção na paisagem urbana.

Embora o ciclismo seja uma tradição tipicamente dinamarquesa, só a partir dos anos 80 as entidades municipais se demonstraram mais activas perante a melhoria das condições de deslocação de bicicleta na cidade e o aumento da utilização da mesma, criando em 1995 um sistema de análise e monitorização bienal que conta com a colaboração de ciclistas, que indicam em que condições se encontram as infra-estruturas e de que modo podem ser aperfeiçoadas.

materializa a atenção dedicada por parte de entidade públicas a questões de mobilidade, associadas a uma preocupação social e ambiental.

A concordância entre cidadãos e entidades municipais torna-se clara quando, segundo o departamento de tráfego de Copenhaga, em 2010 35% de todas as viagens para o local de trabalho ou aprendizagem em Copenhaga são feitas de bicicleta, 50% dos ciclistas acha que as ciclovias se encontram em boas condições de manutenção, 67% dos cidadãos de Copenhaga considera que a recurso á bicicleta influencia positivamente a atmosfera da cidade, 84% da população tem acesso a uma bicicleta, 68% recorrem a ela pelo menos uma vez por semana e apenas 5% dos ciclistas sente-se inseguro ao usar a ciclovia.

Face o enquadramento acima exposto e ás questões dele decorrentes, coloca-se a questão de saber como pode o design de produto acompanhar esta mudança social e cultural que toma lugar na cidade, adoptando uma abordagem aproximada à do urbanismo táctico. De que modo pode o design de produto reflectir e intervir activamente na alteração do estilo de vida cosmopolita e consequentemente contribuir para a modificação do pensamento sociológico e urbanístico vigente?

ESTADO DA ARTE

Fundamentos Teóricos

LUGAR ANTROPOLÓGICO

O lugar antropológico é uma “construção concreta e simbólica do espaço que, por si só, não poderia dar conta das vicissitudes e das contradições da vida social, mas á qual se referem todos aqueles a quem ela atribui um lugar” (Augé, 1994, p. 58).

É um é um conceito ambíguo que se refere a um espaço ao qual foi atribuída história, identidade e relação com o espaço.

Como forma de justificar o carácter histórico do lugar antropológico, Marc Augé recorre a inúmeros exemplos, entre eles a vivência de rua do centro das cidades francesas, onde “à porta da igreja, da câmara, da padaria ou ao balcão do café, se cruzam e misturam os itinerários singulares, se trocam palavras, e, por momentos, se esquecem as solidões: o ritmo pachorrento e a atmosfera de conversa das manhãs de domingo ainda são uma realidade contemporânea da França provinciana” (Augé, 1994, p. 73). Augé argumenta que este tipo de rituais é em parte resultante de uma tradição que advém da idade da cidade – testemunhada

pelos monumentos⁸ nela presentes –, sendo que não se verificam de forma tão acentuada em cidades resultantes de planos urbanísticos mais recentes.

Augé caracteriza o lugar antropológico como geométrico, constituído por itinerários, eixos ou caminhos que conduzem de um lugar para o outro, cruzamentos e praças, a locais de cruzamento, locais de encontro e reunião. Os cruzamentos afiguram-se não só como pontos de convergência física mas também social.

Por outras palavras, o lugar antropológico espaço ao qual a colectividade reconhece um determinado simbolismo, reiterado por rituais, encerrando uma memória colectiva, construída pela identidade partilhada e pela relação com o território e constituindo um ponto de referência para aqueles que o habitam.

8 O termo monumento não se aplica neste caso, apenas á arquitectura, estendendo-se a qualquer testemunho ou homenagem á história do lugar, como por exemplo o nome de uma rua.

REGENERAÇÃO URBANA

A regeneração urbana assenta numa política de desenvolvimento da área metropolitana que visa a reinterpretação da cidade como um espaço inclusivo, coerente e interligado que preze pela equidade e bem-estar social e cultural, pela estabilidade económica e pelo controlo do impacto ambiental, entre outros factores.

Através da forte ligação entre o desenvolvimento económico e a revitalização das estruturas físicas estar-se-á a promover a diversidade social, visto que “o primeiro procura fazer com que os habitantes atinjam formação e emprego e o segundo tende a suportar a manutenção do sítio e a atrair novos residentes, pela melhoria da qualidade de vida urbana”⁹ (Weaver, 2001, p.1).

A requalificação de determinadas áreas torna-se necessária quando as suas características físicas, sociais e económicas foram negligenciadas. Os planos estratégicos consistem em intervenções, muitas vezes radicais, que exigem uma contribuição económica substancial de ambos os sectores, público e privado e colaboração entre a comunidade e entidades locais,

9 “the first seeks to make the inhabitants achieve training and employment and the second tends to support the maintenance of the site and attract new residents, by improving the quality of urban life”. Tradução livre.

caso se trate de uma política de regeneração urbana integrada.

A regeneração urbana implica uma análise e reformulação de inúmeras problemáticas inerentes ao ambiente urbano, como o crescimento da economia local e das actividades recreativas, a formação e educação, a habitação, a mobilidade, os serviços de proximidade e a cultura, procurando alcançar a melhoria da qualidade de vida urbana.

As políticas de regeneração urbana envolvem a reflexão e resposta a fenómenos como a polarização (o aumento da clivagem social e económica), a segregação (a organização de aglomerados humanos segundo etnia ou crença religiosa), a desordenada construção de novas edificações (resultante do crescimento rápido e desigual das áreas urbanas) e o fortalecimento de enclaves socioculturais e comunidades cerradas.

Wansborough (2000) defende que “a cultura tornou-se em uma das características mais proeminentes da paisagem urbana. Tanto local como globalmente, é vista como tendo um papel vital nas estratégias de marketing local, que representa a identidade de uma cidade e, através de sua expressão, demonstrando

qualidades da cidade, tanto atraindo investimentos como melhorando o orgulho cívico”¹⁰ (p.8).

Segundo o autor, a cultura é parte integrante das estratégias de regeneração urbana e um factor crucial na diminuição do alheamento e no desenvolvimento da ligação da comunidade local à evolução de determinada área.

Resumindo, “o planeamento do território refere-se ao desenvolvimento de estruturas e princípios que orientam onde o desenvolvimento e as infra-estruturas tomam lugar. Trata-se de uma série de práticas de administração para a criação e implementação de estratégias, planos, políticas e projectos e para a regulação do local, prazo e forma de desenvolvimento. (...) No entanto, as práticas de ordenamento do território não são apenas respostas circunstanciais às forças mais amplas. São também elementos activos dessas mudanças”¹¹ (Healey, 1997, p.86).

10 *“culture has become one of the most prominent features of the urban landscape. Both locally and globally, is seen as having a vital role in local marketing strategies, representing the identity of a city and through their expression demonstrating its qualities, attracting both investments as improving civic pride”.* Tradução livre.

11 *“spatial planning refers to the development of structures and principles that guide where development and infrastructure take place. It is about a series of management practices for the creation and implementation of strategies, plans, policies and projects and to regulate the location, time and form of development. (...) However, spatial planning practices aren’t just circum-*

CLASSE CRIATIVA

segundo Richard Florida

Richard Florida refere-se a uma classe que resulta do empenho e interesse pela criatividade como motor propulsor da evolução social contemporânea, cuja influência é particularmente visível no meio urbano.

A classe criativa, formada por jovens profissionais com qualificações académicas que ditam e acompanham as tendências culturais e sociais, constitui 30% do total de pessoas empregadas nos EUA, envolvendo profissionais de áreas como a ciência, a engenharia, a arquitectura, o design, a música, a educação e as artes e cuja função é criar novas estruturas, dispositivos, produtos ou ideias de conteúdo criativo.

O autor defende que a classe criativa é uma classe emergente composta essencialmente por intelectuais, diversos tipos de artistas e profissionais especializados em disciplinas teóricas, que tem ganho crescente importância para a renovação e reinvenção de diferentes actividades económicas.

Para esta classe socioeconómica, os laços sociais criados influenciam e muitas vezes ditam a sua vida profissional, sendo que o tipo e qualidade de trabalho que desenvolvem estão fortemente associados ao seu estilo de vida.

stantial responses to broader forces. They are also an active elements of these changes". Tradução livre.

CONVERGÊNCIAS
HUMANAS



CONVERGÊNCIAS
URBANAS

• 2013 •

Marta Almeida Santos

Inversamente, as ligações profissionais no meio criativo constroem-se de modo mais informal e frequentemente casual, sendo assim criada uma comunidade de pessoas com uma personalidade criativa, cujo ambiente e método de trabalho são inventivos, pouco lineares e flexíveis.

Segundo Florida, “a economia está a passar gradualmente de um sistema centrado no corporativismo para um sistema direccionado pelo humano” ¹²(Florida, 2004, p.6). Assim sendo, uma classe que promova o desenvolvimento cultural e social pelo seu estilo de vida e modo de trabalho torna-se vital á transformação da economia, através da produção de ideias e projectos inventivos e criativos.

A classe criativa tem também uma influência indirecta sob a implementação e desenvolvimento de políticas de regeneração urbana, organizando e participando activamente em actividades culturais que promovam o debate e a reflexão crítica sobre estratégias de desenvolvimento territorial.

Por ser uma classe extremamente humanizada, isto é, a ligação entre os seus membros é feita quase que inteiramente através de laços humanos (através dos interesses, gostos, modos de agir ou escolhas de vida de cada pessoa), tende a proporcionar a criação de comunidades que podem promover o desenvolvimento

¹² “economy is gradually shifting from a corporate based system to a human based system”. Tradução livre.

to da economia regional, consoante o local em que se encontrem.

Encarando a classe criativa como um dos factores importantes para o crescimento económico local e para a dinamização sociocultural de uma cidade, Florida sugere que este tipo de pessoas são atraídos para determinados locais por estes serem criativa e intelectualmente estimulantes, dotados de diversidade populacional, e por constituírem um espaço onde existe a oportunidade de expressão artística e afirmação da identidade criativa. Estas cidades, nomeadas cidades criativas por Florida, são caracterizadas, segundo o autor, pelos três “T’s”: Tolerância (), Talento e Tecnologia.

Apoiando-se em autores como Jane Jacobs, em “The cities and the creative class” Florida alude á diversidade cultural das cidades, destacando-a como principal factor de inovação e desenvolvimento regional, sendo que as cidades criativas tendem a ser multidimensionais, isto é, são locais que acolhem uma grande diversidade de actividades económicas, etnias e grupos socioculturais. O autor refere-se ainda aos estudos sobre bairros e comunidades cidadinas levados a cabo por Robert Putnman, como forma de denunciar o declínio do capital social na vida cívica, isto é, a crescente apatia dos cidadãos relativamente a questões associadas à vida na sua comunidade.

URBANISMO TÁCTICO

O conceito de urbanismo táctico, cunhado por Mike Lyndon em 2011, aquando do lançamento do livro “Tactical Urbanism: Short-Term Action, Long-term Change, Volume 1”, reporta-se essencialmente a um conjunto de práticas cívicas e acções temporárias e de curta duração, visando a intervenção no espaço público como meio de participar activamente na construção e transformação da cidade.

Recorrendo ao design, ao urbanismo e à arquitectura, o urbanismo táctico defende a colaboração entre as entidades municipais e os cidadãos num esforço de criar estruturas temporárias que sirvam como ferramenta de análise da viabilidade de implementação de determinadas políticas de regeneração urbana, assumindo-se como um laboratório de experimentação de estratégias de planeamento urbano, que permita testar ideias sem que para tal seja necessário um investimento avultado.

É encarado como um método de planeamento urbano no qual os cidadãos intervêm directa e criticamente, tornando-se num dos factores determinantes de futuras decisões.

Entre os múltiplos projectos desenvolvidos neste âmbito, destacam-se iniciativas como as “Play Streets”, ruas cortadas ao trânsito e utilizadas como espaço re-

creativo pelas crianças, o “Park(ing) Day”, evento anual dedicado á sensibilização para o excessivo espaço ocupado pelos carros, (no qual o espaço de estacionamento é substituído por espaços públicos semelhantes a pequenos parques), o “Ad-Busting”, a apropriação do espaço publicitário e sua utilização para finalidades alternativas (com o objectivo de limpar visualmente a paisagem urbana) e os “Mobile Vendors” ou vendedores de rua, que constituem (á semelhança das roulettes de comida) um ponto de atracção dos transeuntes e de reunião de pessoas no espaço público, constituindo uma forma de estímulo ao empreendedorismo e comércio de pequena escala.

Apesar de já terem sido atribuídas inúmeras designações a estas práticas, como urbanismo “do-it-yourself”, urbanismo de guerrilha ou urbanismo pop-up¹³, o conceito foi inspirado no modo como alguns comentadores e jornalistas descreveram a requalificação do espaço pedestre de Times Square, caracterizando-a como uma “intervenção táctica”.

Lydon (2012) afirma que embora a apropriação do espaço seja já uma prática avita, assume as características culturais e criativas descritas devido “à Grande Recessão, às transformações demográficas” ¹⁴(p.3) e

13 O último nome deve-se ao facto das intervenções serem de exposição temporária e muitas vezes ilícita, maioritariamente conduzidas por criativos e cidadãos comuns, com recursos limitados.

14 “to the Great Recession, to demographic changes”.

ao uso da Internet, esta última enquanto “ferramenta de construção de uma economia cívica” (Lydon, 2012, p.4).

A convergência da crise económica e social com o aumento exponencial da densidade populacional abrandaram o desenvolvimento das cidades, obrigando os cidadãos e as entidades de planeamento urbano a procurar soluções alternativas às vigentes no plano do desenvolvimento socioeconómico e cultural, da mobilidade urbana, da qualidade e o acesso aos espaços públicos, da protecção e conservação do meio ambiente natural e dos espaços verdes (entre outras problemáticas), privilegiando estratégias criativas e inovadoras, mais simples e de menor escala.

Neste contexto, a Internet constitui uma poderosa ferramenta de difusão de iniciativas e soluções verificadas em diferentes cidades, potenciando a partilha, não só de projectos já existentes, mas também dos seus modelos de aplicação a outros espaços. Este revelou-se o principal meio de reunião de todos os projectos existentes num conjunto animado por um objectivo comum¹⁵.

Assim sendo, o movimento não só representa uma

Tradução livre.

15 Embora não exista ainda uma plataforma oficial de divulgação deste tipo de projectos, é possível encontrar numerosos artigos relacionados com o tema em websites como o Design Observer ou o Treehugger e uma página no facebook intitulada “tactical urbanism” inteiramente dedicadas a esta causa

forma de apropriação do espaço como adota um modelo adocrático de organização¹⁶.

Resumindo, o urbanismo tático promove um conjunto de práticas de intervenção local que respondem a questões de planeamento urbano, envolvendo a coordenação entre cidadãos e entidades institucionais e potenciando o desenvolvimento do capital social¹⁷ e a capacidade de articulação e cooperação entre os sectores públicos e privados, com e sem fins lucrativos.

Apesar de se ter propagado rapidamente e de se manifestarem em diversas cidades, estas práticas tendem a ser desenvolvidas em espaços de pequenas dimensões, cuja população habitante esteja particularmente susceptível ao incentivo da criatividade e do empreendimento. Nova Iorque, São Francisco, Londres, São Paulo, Portland, Dallas e Brooklyn são exemplos significativos do sucesso da aplicação do urbanismo

16 “A adocracia é um sistema organizacional flexível, independente e passível de mudanças frequentes”(Desveaux, 2013) que “surge da necessidade de uma organização formal que reconheça, compreenda e resolva problemas em ambientes altamente complexos e turbulentos” “(Desveaux, 2013). Em vez de ser um sistema cujo intuito é evitar um problema, a adocracia responde perante ele, adaptando-se às circunstâncias e a um contexto de constante mudança e evolução.

17 Entenda-se como capital social, “características da organização social, tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para o benefício mútuo”. (Putnam 1995, p. 67).

tático, demonstrando que a sua população reúne as necessárias características: sensibilidade cultural e criativa e espírito cívico.

Para a NESTA (Britain's National Endowment for Science, Technology and the Arts) tais características representam um factor constituinte de economia cívica¹⁸, subjacente á construção de cidades resilientes.

18 O termo "economia cívica" remete para a junção do espírito empreendedor com preocupação com a restituição da qualidade de vida civil.

COMUNIDADE

A comunidade, um modelo organizacional essencial aos estudos sociológicos, é um conceito ambíguo, ao qual foram já atribuídas inúmeras definições. A definição que melhor se adequa à presente análise assenta sobre o sentimento de pertença e o esforço para atingir um objectivo comum a um agregado humano. Diz respeito a um conjunto de comportamentos e interacções que reflectem um determinado significado para um grupo de indivíduos. Trata-se de um conjunto de acções maioritariamente conscientes baseadas em expectativas, valores e crenças partilhados por esse grupo

A comunidade é uma construção de fronteiras pouco claras que não existe por si só, é uma criação derivada do método e consubstancia um modelo, no âmbito dos estudos sociológicos. Pode ser nómada e sujeita a subcategorias, sendo tal particularmente evidente em comunidades urbanas, caracterizadas por um ambiente especialmente volátil e instável, em termos sociais, económicos e culturais.

As comunidades urbanas possuem fronteiras tendencialmente mais alargadas que as comunidade rurais, evidenciando uma maior heterogeneidade (principalmente cultural) entre os indivíduos a elas pertencentes.

A comunidade é um modelo multidimensional, e dela não se podem dissociar elementos como a componente tecnológica, a económica, a política, a institucional (formas de organização da actuação colectiva humana susceptível de subsistir para além dos elementos que em cada momento a compõem), a estética e a conceptual (associada a crenças e ideais).

Assim sendo, a conjugação da concepção de comunidade, enquanto modelo sociológico com a *Gemeinschaft*¹⁹ explanada por Ferdinand Tonnies, torna-se possível definir o espírito comunitário como manifestação do compromisso dos seus membros para atingir determinadas expectativas e objectivos que visam a melhoria do bem-estar pessoal e colectivo, logo, comum.

19 Ferdinand Tonnies, um sociólogo alemão, estabeleceu a distinção entre dois tipos de grupos sociais: a comunidade (*Gemeinschaft*), caracterizada pela consciência de pertença e vontade orgânica de partilha e a sociedade (*Gesellschaft*), de natureza puramente objectiva e racional, cuja unidade é conferida apenas através de actividades comuns e outros fenómenos externos. Tonnies associa claramente a forma de associação humana em comunidade ao meio rural e a de sociedade ao ambiente urbano pós-industrial.



Fig.1 Off-ground, 2013

Análise de Projectos de Referência

OFF-GROUND

Jair Straschnow + Gitte Nygaard

Recorrendo a tubos de aço e a mangueiras de incêndio inutilizadas, a dupla de designers Jair Straschnow e Gitte Nygaard conceberam Off-Ground, uma estrutura constituída por um conjunto de redes de descanso, procura contrariar a previsibilidade do espaço público, no que diz respeito ao mobiliário urbano.

Tanto a sua forma e cores apelativas como o local onde foi colocada – ao pé do Centro de Arquitectura Dinamarquês – convidam os transeuntes a descansar e a permanecer no local por um período de tempo relativamente alargado.

Ao contrário dos equipamentos urbanos convencionais, sóbrios e desconfortáveis, Off-Ground apela ao espírito inocente dos residentes, sendo que a experiência de utilização da estrutura pretende remeter para a infância dos mesmos, para o sentimento associado aos parques de diversão e recreios.

A intenção acima descrita advém do facto de Straschnow e Nygaard acreditarem que o carácter lúdico dos objectos sugere uma utilização mais flexível e aprazível dos mesmos e consequentemente uma experiência interessante e divertida.



Fig.2 Off-ground (detalhe), 2013



Fig.3 Off-ground (utilização), 2013

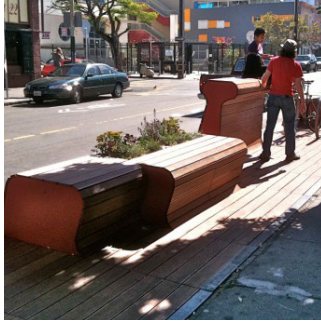


Fig.4 Walklet, 2010

WALKLET

Rebar Art & Design Studio

O parklet, uma estrutura que ocupa o espaço originalmente destinados ao estacionamento de veículos e que se assume como uma extensão do passeio, surgiu pela primeira vez em 2010 na cidade de São Francisco, nos EUA, ao abrigo do programa “Pavement to Parks”, lançado pelo Departamento de Planeamento da cidade.

A estrutura foi concebida como resposta á falta de espaços verdes e de interesse dos cidadãos pelo espaço público, criando assim condições para um melhor proveito desse espaço.

No seguimento do programa, o ateliê de design e arte Rebar concebeu um sistema modular de extensão do passeio, constituído por vinte e três módulos que reúnem diversas funções e podem ser instalados de forma isolada ou em conjunto e possibilitam uma maior flexibilidade e variedade de configurações do parklet.

Este tipo de intervenção, agora aplicado a inúmeras cidades, representa uma solução acessível ao aproveitamento do espaço público, encorajando a sua utilização do mesmo para outros fins que não apenas como área de deslocação.



Fig.5 Walklet (contexto), 2010



Fig.6 Walklet (detalhe), 2010

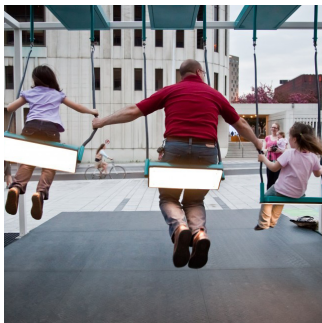


Fig.7 21 Balançoires, 2011 - 2013

21 BALANÇOIRES

Daily Tous Les Jours

Tomando a nostalgia e a ingenuidade como ponto de partida, o estúdio Daily Tous Les Jours criou “21 Balançoires”, um instrumento musical colaborativo que toma a forma de um conjunto de 21 baloiços.

Instalado entre a Promenade des Artistes e a Faculdade de Ciência de Montreal, “21 Balançoires” pretende explorar a noção de cooperação, tirando partido da natureza jocosa da instalação para atrair e convidar os transeuntes a experimentá-la.

A altura a que o baloiço sobe determina a intensidade com que a nota é tocada e cada cor representa um instrumento musical, como o piano, a harpa, a guitarra ou o vibrafone. Quando todos os baloiços são utilizados em simultâneo, a instalação reproduz uma peça musical, motivando as pessoas a colaborarem entre si através da criação de diferentes melodias.

Este instrumento musical colectivo, tocado com todo o corpo, transformou um espaço originalmente visto como um separador de trânsito, num espaço público convidativo, aproveitado pelos cidadãos para as mais diversas actividades lúdicas.



Fig.8 21 Balançoires (utilização), 2011 - 2013



Fig.9 21 Balançoires (detalhe), 2011 - 2013



Fig.10 SMSlingshot, 2011

SMSLINGSHOT

VR/ Urban

Perante o desejo de reivindicação do espaço urbano e a necessidade de envolver a população em iniciativas que representem uma ferramenta activa e crítica de intervenção no contexto urbano, Patrick Tobias Fischer, Christian Zöllner, Thilo Hoffmann e Sebastian Piatza conceberam a “Smslingshot”, uma fisga composta por uma placa Arduino, um laser, bateria, frequências de rádio e um teclado. As mensagens produzidas pelos utilizadores através do teclado da fisga são posteriormente “lançadas” para as fachadas de edifícios.

É assim criada uma composição visual de informação projectada na tela urbana, cujo conteúdo é controlado pelos cidadãos e não por agências publicitárias.

Devido á natureza da intervenção, esta é temporária e pode apenas ser efectuada á noite, quando as projecções visuais são legíveis.

Buscando inspiração na arte urbana, o projecto parte da premissa que o espaço público não deve ser invadido e obstruído por mensagens publicitárias, criando uma ferramenta que possa ser utilizada por todos os residentes como um meio de expressão livre, através de elementos multimédia.



Fig.11 SMSLINGSHOT (contexto), 2011



Fig.12 SMSlingshot (contexto), 2011



Fig.13 Escale Numérique, 2012

ESCALE NUMÉRIQUE

Mathieu Lehanneur

Criado em 2012 para a JCDecaux, como resposta a um concurso de mobiliário urbano inteligente lançado pela Câmara Municipal de Paris, “Escale Numérique” é um local de pausa e repouso instalado na rotunda dos Champs-Élysées.

Tirando proveito da fibra óptica que cobre agora toda a cidade de Paris, o projecto fornece internet de banda larga sem fios e bancos em cimento, equipados com tomadas e apoios para livros, computadores ou para o cotovelo.

Dado o local de instalação do projecto, “Escale Numérique” possui ainda um ecrã táctil que disponibiliza diversas informações relativamente á cidade, a turistas e visitantes que não se encontrem ligados a redes sem fios por smartphones ou outros dispositivos móveis.

Ainda que sofisticado e interactivo, Lehanneur procurou uma inspiração orgânica e coesão com o meio envolvente, criando um jardim suportado por troncos.

O projecto constitui uma adaptação do mobiliário urbano à era dominada pela tecnologia, sendo que a realidade virtual intervém na composição da realidade física.



Fig.14 Escale Numérique (utilização), 2012



Fig.15 Escale Numérique (detalhe), 2012

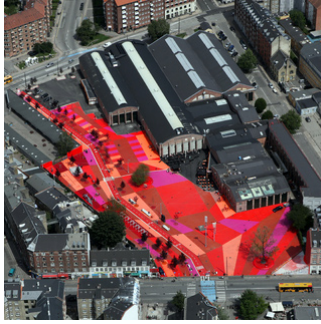


Fig.16 Superkilen (perspectiva aérea), 2011

SUPERKILEN

BIG architects, Topotek1 & Superflex

Superkilen é um parque urbano que atravessa o bairro recentemente revitalizado de Nørrebro, em Copenhaga.

Solicitado pela Cidade de Copenhaga, o projecto foi pensado pelo grupo de artistas Superflex e desenhado pelo ateliê de arquitectos BIG architects bem como pelos arquitectos paisagistas Topotek1.

A diversidade étnica do bairro permitiu aos autores do projecto desenvolver um parque com uma personalidade própria, caracterizada pelo mobiliário urbano presente nos parques de diferentes países cuja nacionalidade é a dos residentes de Nørrebro.

Alguns dos objectos instalados no parque resultaram também de uma recolha feita aquando da viagem de cinco grupos de pessoas que participaram na concepção do parque, a países como a Palestina, a Espanha, a Tailândia e a Jamaica. Esses objectos foram reproduzidos à escala real ou comprados ao seu país de origem.

O parque está dividido em três áreas distintas: a praça vermelha, mais directamente associada á vida urbana, a cafés, ao desporto e à música, o mercado negro, que representa uma visão clássica de um parque, composto por bancos de jardim e fontes e o parque (verde),



Fig.17 Superkilen (praça vermelha), 2011

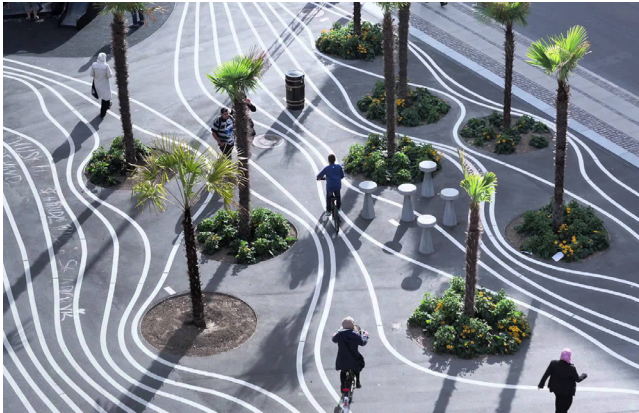


Fig.18 Superkilen (mercado negro), 2012

que desempenha o papel de espaço verde, correntemente utilizado para descansar, passear o cão ou para outras actividades lúdicas ao ar livre.

Trata-se de um espaço que contraria a visão tradicional e nacionalista de Copenhaga, não só aceitando mas acolhendo as diferentes culturas dos habitantes da cidade, valorizando a sua história e características, num ambiente que embora discordante com a arquitectura da cidade, apresenta maior convergência com os seus residentes.



Fig.19 Points, 2013

POINTS

Breakfast Studio

O estúdio de Breakfast dedica-se á interactividade física e digital, numa combinação entre grafismo e robótica da qual resultam projectos como “Points”, uma sinalização de direcções inteligente.

“Points” armazena todo o tipo de informação, desde indicação de direcções de ruas, serviços e transportes, a eventos e notícias publicadas em redes sociais, exibindo-a durante vinte e quatro horas. A informação apresentada é constantemente actualizada segundo a escolha do utilizador, efectuada através de um painel, que dispõe todos os temas disponibilizados pelo sistema. O painel, por sua vez actualiza os temas duas vezes por dia.

A informação que o utilizador tem ao seu dispor através do mecanismo provém de fontes como o Twitter, o Foursquare, APIs de lojas, restaurantes e eventos locais ou pelo RSS de sites e localizações predefinidas.

Para além de apresentar informação alternada através de painéis constituídos por 16000 LEDs, “Points” faz rodar esses painéis até 360°, em torno do poste a que se encontra ligado, ilustrando física e textualmente onde se encontram os edifícios ou ruas que pretende indicar.



Fig.20 Points (exemplo), 2013

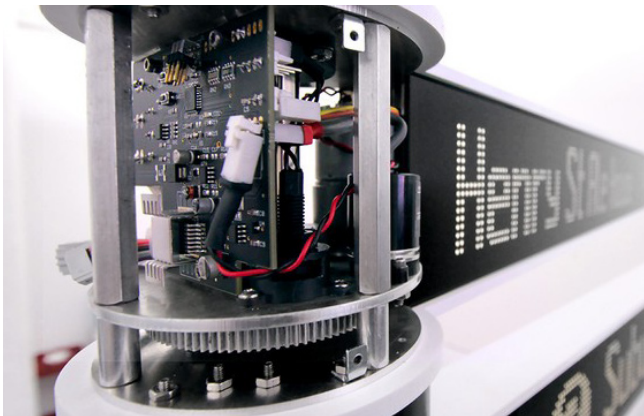


Fig.21 Points (detalhe), 2013

DESCRIÇÃO DO PROJECTO

Descrição do contexto do projecto

O presente projecto é o resultado de um conjunto de sucessivos encadeamentos conceptuais baseados essencialmente na interpretação e estruturação teórica da experiência pessoal.

Projectando a visão do designer no quotidiano e no ambiente envolvente e aplicando a cultura projectual a práticas de cidadania, o projecto configura um modo de intervenção activa na realidade em que nos integramos, simultaneamente enquanto cidadã e designer.

A sua razão de ser fundou-se nos seguintes objectivos iniciais: a abordagem indirecta de questões identitárias e o impacto directo no quotidiano de um grupo alargado de pessoas, através do envolvimento e participação de entidades oficiais e comunidades em projectos de design.

O projecto foi desenvolvido por etapas, sendo possível destacar quatro momentos na sua evolução:

Numa fase inicial, pretendia-se abordar a identidade cultural portuguesa e a sua transformação e adaptação às sucessivas gerações. Partindo da premissa de que a identidade cultural não é algo fixo e imutável, algo integralmente histórico, procurava-se demonstrar que a identidade cultural se molda ao povo a que

corresponde, que cidadãos de determinada nacionalidade têm o poder de participar na construção daquela identidade, nacional, tal como os seus antepassados o fizeram.

Esta fase foi manifestamente influenciada por uma visão arqueológica do design, uma vez que o intuito desta proposta era adaptar a cultural material inerente à herança cultural do país aos gostos, hábitos e necessidades das pessoas que o habitam actualmente, contradizendo o saudosismo e a convencional concepção de tradição.

Face á proposta inicial, a construção do projecto deparou-se com o seu primeiro obstáculo: o conflito de representação de um país. Por outras palavras, a pretensão de retratar o povo de determinado país através de um conjunto de objectos pressupõe a generalização de alguns traços culturais e conseqüentemente o risco de o representar de modo uniforme e incompleto, ignorando as singularidades que se podem manifestar em cada aldeia, cidade ou região.

Ao analisar os comportamentos, hábitos, sabedoria popular e cultura material das diferentes regiões do país, tornou-se claro que não seria possível estabelecer um padrão comportamental uniforme, sendo que o quotidiano, a conduta e em algumas situações, até o dialecto, divergem consoante o local, sendo que as diferenças são particularmente acentuadas aquando a

comparação entre o meio rural e urbano. Sendo que a intenção inicial era retratar a identidade cultural de um povo pela análise do seu quotidiano, das suas práticas e rituais contemporâneos, seria impossível encontrar uma ligação entre as preocupações quotidianas de um Lisboaeta e as de um habitante de Figueiró dos Vinhos, ou qualquer outra aldeia histórica de Portugal, da mesma maneira que o modo de viver no litoral é manifestamente diferente que o do interior.

Sendo que a proposta inicial se baseava na renovação da cultura material pela análise de estilos de vida e modos de pensar e agir, não se encontrou um padrão comportamental suficientemente consistente para sustentar todo o projecto.

Neste ponto de desenvolvimento, a experiência pessoal e conhecimento empírico redireccionaram a proposta para o meio urbano, mais concretamente para Lisboa²⁰, focando-se na forte componente identitária da qual os bairros históricos lisboetas são dotados.

Estes bairros constituem um caso de estudo de comparação entre o meio urbano e o meio rural extremamente interessante, sendo que muitos dos seus residentes os encaram como uma aldeia no meio da cidade. São locais que parecem cristalizar a história, o

20 A escolha por esta cidade portuguesa é justificada pelo facto de ser a cidade em que nasci e sempre vivi e pelo facto de o grande interesse pela cidade e o constante contacto com estrangeiros que a visitam me oferecerem uma compreensão abrangente e relativamente aprofundada do local.

ambiente familiar e seguro, inerente a pequenas áreas de habitação, tendencialmente rurais, assim preservando o passado, mas vivendo lado a lado com a azáfama cosmopolita contemporânea, como um “mosaico de pequenos mundos que se tocam mas que não se interpenetram”²¹ (Park & Burgess, 1984, p.22).

Para além de perpetuar o espírito bairrista e o sentido comunitário, pretendia-se agora incitar o espírito cívico dos cidadãos, uma vez que uma das características mais evidentes nos bairros históricos lisboetas é o modo como as pessoas ocupam as ruas, como se da sua própria casa se tratasse. Ao vaguear por bairros como a Mouraria, Alfama ou a Madragoa, é possível observar inúmeras pessoas sentadas na rua a conversar – em cadeiras de plástico ou nas escadas – e crianças a brincar ao ar livre, sendo que os parques e jardins presentes na maioria dos bairros são aqui substituídos por vasos, que cada residente exhibe ostentadamente ao longo da rua, assim como a roupa – muitas vezes com peças de uso íntimo – é estendida em pleno espaço público, o fogareiro, tornando dispensável o forno e o fogão e as portas das casas frequentemente personalizadas com elementos decorativos ou rodeadas de azulejos, com ditados inscritos, elementos simbólicos ou mesmo desenhos, tal qual pintura rupestre que ilustram parte da história do local.

21 “*mosaic of little worlds that touch but do not interpenetrate*”. Tradução livre.

Intuitivamente, os residentes dos bairros participam activamente na construção da paisagem do local e da sua identidade – uma vez que a identidade é “resultado de um processo de construção” (Brandão, 2008, p.13) –, inscrevendo aí a sua existência através da diluição entre o espaço privado e o espaço público e da manifestação das suas personalidades e comportamentos, por meio de objectos e de actos frequentemente ligados à hospitalidade, simpatia e confiança. Estas atitudes atribuem aos locais um carácter pitoresco e acolhedor.

Foi levada a cabo uma investigação pela autora deste relatório que tornou claro que este tipo de comportamentos é basilar para a construção da identidade de um local, criada a partir de uma memória colectiva e da apropriação do espaço pelos seus utilizadores regulares, uma vez que “a apropriação é pois um processo de “contra alienação”, capaz de promover o desenvolvimento social, baseado na vida quotidiana” (Brandão, 2008, p.15).

Na fase seguinte de desenvolvimento da proposta, que vem imprimir a esta traços definitivos, procurou-se aliar as práticas correntes observadas nos bairros históricos lisboetas a iniciativas e abordagens urbanísticas contemporâneas, aplicadas em cidades como São Francisco, Nova Iorque e Londres, tendo como intuito despertar não só o sentimento de pertença, como a

responsabilidade cívica dos cidadãos.

O objecto de estudo e intervenção tornou-se mais generalizado do que a sua dimensão imediatamente antecedente, não se restringindo apenas aos bairros e abrangendo todo o meio urbano no qual o cidadão se movimenta, procurando assim atribuir um carácter mais abrangente ao projecto.

Metodologias

O método adoptado para a organização e desenvolvimento do projecto conjuga a forma de investigação antropológica com as estratégias de estudo utilizadas na cultura projectual, reiterando a transversalidade do projecto.

O recurso á técnica de observação participativa²², a entrevistas informais às Juntas de Freguesia e a modos alternativos de investigação, como palestras, filmes, documentários e programas de intervenção urbana artística, permitiu á construção teórica e conceptual do projecto alcançar alguma objectividade.

Uma vez que o meio envolvente a analisar era familiar, a actuação nele desenvolvida foi efectuada na óptica de um intruso, de forma a permitir uma visão distanciada e relativamente imparcial, à semelhança de turista na minha própria cidade, com o intuito de melhor se observar e analisar o significado sociocultural das práticas dos objectos de estudo, através de uma contemplação e reflexão mais atenta e precisa sobre a respectiva paisagem urbana.

Foi escolhido um conjunto de bairros construídos em
22 A observação participativa é processo de investigação baseado na observação do quotidiano de um aglomerado humano, através da integração no mesmo e da adopção do seu código moral e estilo de vida e cujo princípio metodológico é o relativismo cultural.

diferentes épocas históricas, com diferentes malhas urbanas e tipo de habitantes – Alvalade, Benfica, Alfama, Mouraria, Madragoa, Bica, Campo de Ourique, Campolide, Graça e Alcântara.

Foram ainda levadas a cabo pequenas entrevistas informais²³ a funcionários das Juntas de Freguesia de cada um destes bairros, com a intenção de retratar a sua realidade social, sendo que tais entrevistas incidiram principalmente sobre o tipo de residentes do e a utilização que faziam do espaço público. Foram inquiridas a Junta de Freguesia de São João de Brito, de São Miguel, Santo Estêvão, São Vicente de Fora, Santa Isabel, Santo Contestável, Graça, Benfica, Misericórdia e de Santos-o-Velho.

Numa fase mais avançada, em que os objectivos e a direcção que o projecto iria tomar estavam claramente definidos, recorreu-se ao sistema de *research by design*²⁴ como modo de desenvolver e explorar as questões sobre as quais se reflectiu, através de “ferramentas e métodos de base prática que possuem va-

23 Consultar Anexo I, pasta “Metodologias_JF_entrevistas”.

24 Research by design é um método de pesquisa que consiste nos seguintes elementos ou fases: percepções básicas no plano filosófico, teórico e ético, investigação, definição de desafio, condicionantes inerentes ao mesmo e de diferentes metas ou objectivos para o completar, proposta, experimentação e subsequente racionalização dos resultados e comunicação ou debate das propostas.

lor independente”²⁵ (Hauberg, 2011, p.53), como esboços, experiências de materiais e maquetes²⁶, cujos resultados foram posteriormente sujeitos a desenhos técnicos, visando a sua futura prototipagem.

25 *“tools and methods practice based with independent value”*. Tradução livre.

26 Consultar Anexo I, pasta “Desenvolvimento do projeto”.

Desenvolvimento do projecto

Após o registo de informação relativa aos objectos de estudo, foi elaborada uma análise comparativa das características dos bairros lisboetas e respectiva dinâmica sociocultural com distritos de cidades de outros países, como Mission District, Shoreditch, Nørrebro ou Rive Gauche.

Em cada distrito mencionado é possível observar pelo menos um bairro que possui características atractivas para a classe criativa²⁷ – como centralidade metropolitana, diversidade étnica e animação cultural –, pelo que os residentes de locais como Hackney (em Shoreditch) ou Jægersborggade (em Nørrebro) trabalham em áreas criativas, como designers, artistas, músicos, escritores entre outro tipo de pessoas que exerçam a sua profissão no âmbito cultural.

A concentração da classe criativa nestes bairros motiva o investimento imobiliário dos mesmos e impulsiona a revitalização económica, cultural e social da zona.

Esta análise permitiu a abstracção dos casos de estudo, tornando possível a compreensão de parte do

27 A Rive Gauche, contrariamente aos outros distritos mencionados, atrai a classe criativa pelo seu ambiente boémio e burguês, pela sua proximidade a escolas universitárias e pela sua ligação histórica á vida artística de Paris.

processo de regeneração de bairros e cidades, considerando os agentes envolvidos nessa transformação e as práticas cívicas que a podem incitar. Assim, a investigação não se restringe apenas á análise da situação actual dos bairros lisboetas, permitindo a reflexão sobre possíveis meios de promover a sua recuperação e de como esta pode proporcionar melhor qualidade de vida aos residentes.

Complementando a investigação empírica, foi desenvolvido um estudo sobre temas e casos associados à produção criativa e cultural no âmbito da regeneração urbana e sua relação com a evolução dos bairros e cidades.

O entendimento sobre as temáticas inerentes ao projecto tornou-se mais claro através da informação transmitida em conferências e colóquios, dos quais se destacam o programa de conferências organizado pela Culturgest sobre a cidade de Lisboa²⁸, o colóquio sobre city branding (que teve lugar no dia 3 de Fevereiro de 2013, nos Paços do Concelho) e o módulo do Ciclo Modo Interrogativo, dinamizado pelo teatro

28 Os ciclos de conferências pertencentes que considerei particularmente úteis e interessantes foram “O urbano e o urbanismo”, realizadas por Nuno Portas, que decorram ao longo do mês de Janeiro, “Lisboa: A espessura do tempo”, moderadas por João Gomes da Silva, durante o mês de Fevereiro e “As freguesias de Lisboa”, por José Sarmiento de Matos, durante o mês de Março. Cada ciclo era composto por um conjunto de quatro conferências interligadas que pretendiam instruir o público relativamente aos temas apontados.

municipal São Luiz no dia 30 de Maio, subordinado ao tema “Cultura e cidades: Políticas para a cultura e ideias de território”.

Tendo adquirido maior consciência acerca do projecto a desenvolver e informação quanto às questões a reflectir, foi elaborado um conjunto de enunciados que incidiam sobre alguns dos factores importantes para a construção da identidade de um local, para a afirmação da cidadania e problemáticas associadas à regeneração urbana, como a qualidade dos espaços verdes, a mobilidade, os espaços sociais e o estímulo à economia local.

Numa fase inicial, cada enunciado foi tratado e solucionado individualmente, com o recurso a esboços e modelos. As soluções exploradas consistiam na materialização de comportamentos observados no quotidiano cosmopolita – como por exemplo, o hábito de conviver por largas horas no café, a roupa estendida á janela ou á porta de casa, em pleno espaço público, –, na representação de estudos sociológicos elaborados ou na reflexão crítica da postura do cidadão perante o seu meio envolvente, a cidade.

Num constante processo de evolução e debate de oportunidades de projecto com os co-orientadores do mesmo e com outras pessoas, foram apuradas cinco ideias para desenvolver. Estas ideias foram traba-

lhadas no sentido de que os cinco objectos que delas resultassem, resumissem algumas das questões chave referentes ao enquadramento teórico prévio.

As reflexões teóricas desenvolvidas por meio do desenho e da fotografia²⁹, tomando forma de maquetes de estudo, análise e reformulação de problemas. As soluções formais culminaram num conjunto de desenhos técnicos³⁰, que possibilitaram o avanço para modelos onde a escala e os estudos de materialização dos cinco protótipos foram confirmados.

O conjunto de objectos criados pretende essencialmente facilitar práticas de cidadania que contribuam para a regeneração urbana, propondo uma actuação nesse sentido e sensibilizando o seu utilizador tanto para essa questão como para uma diferente utilização do espaço público.

Este projecto foi desenvolvido de uma forma estruturada, nela se integrando um estudo e reflexão te-

29 Consultar Anexo I, pasta “Desenvolvimento do projecto”.

30 Os ciclos de conferências pertencentes que considerei particularmente úteis e interessantes foram “O urbano e o urbanismo”, realizadas por Nuno Portas, que decorram ao longo do mês de Janeiro, “Lisboa: A espessura do tempo”, moderadas por João Gomes da Silva, durante o mês de Fevereiro e “As freguesias de Lisboa”, por José Sarmento de Matos, durante o mês de Março. Cada ciclo era composto por um conjunto de quatro conferências interligadas que pretendiam instruir o público relativamente aos temas apontados.

óricos, bem como a análise dos objectos, em escala reduzida, quer numa perspectiva bidimensional, quer tridimensional, em detrimento da adopção de um método de experimentação mais livre ou espontânea.

Por sua vez, a construção dos protótipos foi deixada a cabo por profissionais especializados nas técnicas de produção necessárias.

O acompanhamento e participação da autora no processo de construção das peças foram uma constante. Devido ao rigor exigido, a sua execução foi delegada para pessoas mais experientes e hábeis.

A elaboração de cada peça dependeu de um trabalho de equipa entre os profissionais encarregues da tarefa e a autora dos projectos.

Por exemplo, no caso da produção de peças cerâmicas, uma das partes ficou encubida da construção do modelo, enquanto que um ceramista especializado em moldes se dedicou á elaboração do molde e das peças em barbotina, a pasta cerâmica líquida. Por sua vez, uma peça em textéis seria cozida por costureiras, sendo que os moldes de cada elemento a coser foram feitos pela autora do projecto.



Fig.22 CORTINA, detalhe

Apresentação e discussão crítica dos resultados

CORTINA

O objecto foi concebido com intenção de estabelecer uma ligação, de forma variável e consentânea com diversos ambientes e estados de espírito, entre o espaço público e o espaço privado. As cortinas representam um elemento de demarcação da fronteira dessas duas realidades, conferindo privacidade no âmbito do espaço doméstico e permitindo àqueles que nele se encontram algum isolamento relativamente ao que lhes é exterior, assim privilegiando o individualismo e contribuindo para a dissociação do elemento arquitectónico, do espaço urbano.

Apesar de serem disciplinas complementares uma á outra, a distanciação entre a arquitectura e o urbanismo, estabelecida no plano físico, não deixa de influenciar a esfera social.

A observação empírica de pequenas comunidades urbanas permite verificar a influência das cortinas no espaço público e no modo como este é utilizado. Em locais como os bairros históricos lisboetas, a janela é interpretada não como um elemento de separação

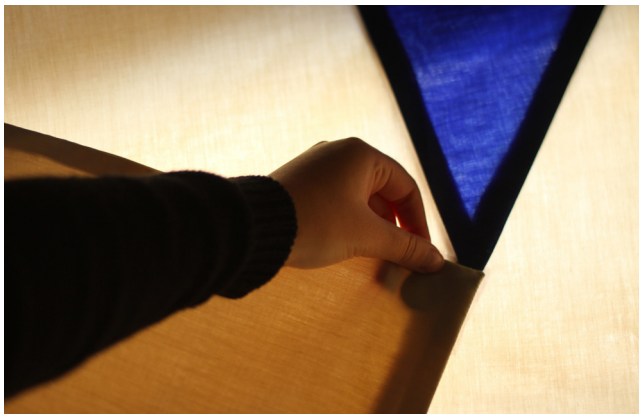


Fig.23 CORTINA, detalhe de utilização

entre o domínio público e privado mas como um elemento de união entre ambos.

Ao percorrer qualquer um desses bairros, é possível escutar as conversas que têm lugar dentro de casa, o som do programa de televisão ou de rádio informa o visitante sobre o que os residentes assistem ou ouvem e se o transeunte for suficientemente curioso, consegue observar a disposição dos móveis dentro da casa, a sua decoração, podendo assistir aos momentos de refeição ou lazer que decorrem no seu interior.

Neste contexto, a inexistência de cortinas ou a sua não utilização e, em muitos casos, o facto de a porta de casa se encontrar aberta, permite ao visitante adquirir uma relevante informação sobre os residentes e sentir uma ligação com estes, decorrente da confiança ou indiferença com que os mesmos exibem a sua vida pessoal.

O beiral da janela transforma-se num local de convívio, onde os vizinhos se debruçam para conversar, deixando a casa de ser um espaço privado passível de intrusão e constituindo elemento de um cenário no qual os habitantes e visitantes desempenham um papel.

Contrariamente, em bairros cuja construção é mais recente, o espaço público é encarado com receio pe-

los residentes, um espaço habitado por desconhecidos e espaço de acção para inúmeras experiências e vivências com as quais aqueles não se associam, assistindo-se a uma crescente individualização e distanciação do ambiente doméstico, seguro e familiar, relativamente ao espaço público, mero local de passagem e utilização ocasional.

A harmonia da construção arquitectónica é quebrada por sucessivos andares de janelas adornadas com cortinas e estores, barreiras de todos os tipos e feitios, que declaram o corte com uma vida social exterior ao espaço privado.

Assim, as cortinas tornam a fachada arquitectónica num muro que separa duas realidades que se pretendem distintas e claramente demarcadas.

A cortina materializa a abordagem desta questão. Tendo em consideração o carácter multifacetado da personalidade de uma pessoa, criou-se uma cortina que gradualmente expõe a casa, da mesma forma que uma pessoa gradualmente se dá a conhecer a outra.

A cortina, constituída por fracções assimétricas, é recolhida na medida e orientação de cada dobra do tecido, as quais se encontram posicionadas em diferentes níveis assimétricos diferenciados por cores.

Prendendo-se cada um dos segmentos da cortina através de imanes, á medida que aquela vai sendo recorrida, propiciam-se diferentes amplitudes de ex-

posição do ambiente doméstico, permitindo-se a entrada de luz sem se perder a privacidade do espaço e atenuando a demarcação desse espaço através da forma irregular que a cortina vai adoptando em cada medida do seu recolhimento, assim se procurando estabelecer uma relação de alguma continuidade entre os espaços público e privado, susceptível de maior ou menor acentuação, consoante a vontade ou estado de espírito do seu utilizador.

Deste modo, o objecto adapta-se à personalidade desse utilizador, por exhibir gradualmente o interior da sua casa, não deixando de lhe sugerir uma mudança de atitude perante esta questão.

A cortina é presa á parede através de um sistema que remonta aos antigos cabides de pinças, destinados á arrumação de calças no guarda-roupa.

O seu fácil método de abertura e prisão³¹ facilita a troca de cortinas, bem como a sua prisão á parede, uma vez que a peça irá ficar pendurada num prego ou noutro tipo de ganchos removíveis (como é o caso dos ganchos comercializados pela tesa®) como se de uma peça de roupa se tratasse.

31 Consultar Anexo II, pasta "Cortinas".



Fig.24 CORTINA, 1,39 x 1,34 m, Cambraia



Fig.25 CORTINA, utilização



Fig.26 ALCOVITEIRO, detalhe

ALCOVITEIRO

Segundo Pedro Brandão (2008), a apropriação de um lugar contraria a alienação urbana, implicando o uso frequente do espaço público e a interacção entre o lugar e os seus utilizadores, dando lugar a actividades individuais e colaborativas nele desenvolvidas, como corridas, eventos culturais (concertos, feiras, workshops...) ou piqueniques. Esta é uma prática que promove o orgulho cívico e incita ao sentimento de pertença, inerente á afirmação da identidade de determinado local.

Da análise crítica deste fenómeno resultou o Alcoviteiro, um dispositivo de projecção de qualquer tipo de informação que o utilizador deseje partilhar.

Inspirado no sistema mais antigo e tradicional de divulgação de uma mensagem – o passar a palavra de boca em boca –, e na noção de confissão, do segredar, Alcoviteiro é constituído por um ecrã LED³² ligado a um sistema de reconhecimento de voz, responsável pela tradução da mensagem segredada para um texto legível por qualquer transeunte.

O objecto procura conjugar a antiga forma de proclamação de editais (verbal) com a forma contemporânea da comunicação escrita, assimilando a informa-

³² A escolha por este tipo de ecrã justifica-se pelo seu baixo consumo energético.

ção verbal e projectando-a sob a forma textual, assim se pretendendo um maior e mais alargado conhecimento da vida do bairro, tal como os jornais e editais da Junta de Freguesia.

Anónimamente ou pessoalmente identificado, o utilizador pode escolher partilhar qualquer tipo de informação, como reclamações relativamente á gestão e manutenção do bairro, promoções, horários ou serviços, eventos socioculturais, dedicatórias ou homenagens, entre outras.

Através do uso do Alcoviteiro , o utilizador dispõe de uma via que o possibilita participar activa e criticamente na construção do lugar e da sua paisagem, influenciando indirectamente o quotidiano dos residentes da mesma área urbana.

O produto destina-se ao uso esporádico no espaço público, colocado em locais estratégicos, como a saída do metro, as paragens de autocarro, a porta do café ou noutros locais de passagem ou permanência que facilitem a sua visibilidade.

A fonte de alimentação por meio de um cabo eléctrico pressupõe a dependência de determinado local ou entidade, como dos serviços de transporte e mobilidade, caso o objecto seja colocado á saída do metro, ou de um café, se se encontrar em alguma esplanada. Tal característica sugere a utilização do objecto em determinadas ocasiões, como celebrações tradicionais do bairro ou da cidade ou no decorrer de eventos

culturais.

Considerando este como um modo de apropriação do espaço e participação, ainda que indirecta, no quotidiano dos vizinhos, o produto propõe-se a dar voz aos residentes, sendo que a escolha e filtragem do tipo de mensagem passada cabe somente a estes.

Dada a sua intenção pode ser encarado como uma ferramenta de estudo, pois o tipo, quantidade e forma de informação divulgada dependem do aglomerado humano que a produz e ao qual se destina. Este fenómeno pode facultar dados relevantes para a caracterização desse mesmo aglomerado.



Fig.27 ALCOVITEIRO, 1,59 x 0,55 m, pinho + mdf folheado em folha de pinho



Fig.28 ALCOVITEIRO, contexto



Fig.29 PINGO, 225 x 43 mm, plástico

PINGO

A utilização da bicicleta como meio de deslocação citadino é já uma realidade para a população de várias cidades, como Copenhaga, Amestardão, Utrecht, Sevilha, Bordeaux³³, entre muitas outras.

É actualmente inequívoco que, do ciclismo, como meio de mobilidade urbana, provêm inúmeros benefícios, sendo que a redução substancial do congestionamento de tráfego, a diminuição de custos externos ao veículo (como a manutenção das estradas), o baixo impacto ambiental (por ser um veículo movido pela força física humana), o menor consumo de território para estacionamento (o espaço dedicado ao estacionamento de apenas um carro permite alocar dez bicicletas), os óbvios benefícios para a saúde que advém do exercício físico e o estímulo para a economia local³⁴ são apenas alguns deles.

33 Segundo o índice de 2013 do site Copenhagenize, especializado em ciclismo urbano, estas quatro cidades são as que possuem maior número de adeptos da bicicleta como meio de transporte.

34 Os benefícios que advém do ciclismo urbano acima indicados são enunciados pelo Cyclecities, um projecto do programa INTERREG IVC (um programa de cooperação interre-

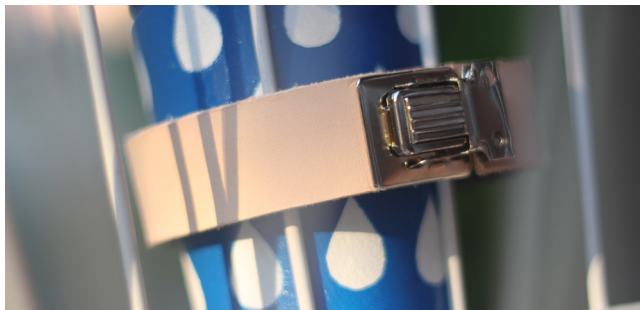


Fig.30 PINGO, detalhe

“Um estudo feito pela cidade holandesa de Utrecht revelou que enquanto os utilizadores de bicicletas, enquanto gastam menos por transação, fazem mais visitas e passar o mais coletivamente. (...)E os suíços também concordam, uma vez que a pesquisa sobre a rentabilidade do espaço de estacionamento revelou que cada metro quadrado de estacionamento de bicicletas gerou 7.500 € por ano em comparação com 6625 € para carros. Isto parece confirmar que os ciclistas estão propensos a gastar menos e comprar mais”³⁵.

As cidades que incentivam este meio de transporte “não prejudicam seu crescimento económico ou o acesso a seus centros comerciais. Na verdade, eles promovem-nos, porque entendem que o uso desenfreado de carros para viagens individuais já não é compatível com a fácil mobilidade para a maioria dos cidadãos” (Bluemel, H. et al, 2013, p.4)

gional) co-financiado pelo Fundo de Desenvolvimento Regional da União Europeia que visa o incentivo ao aumento do ciclismo como meio de deslocação urbana, exacerbando a sua relevância nas políticas de gestão de mobilidade urbana.

35 “(...) a study from the Dutch city of Utrecht which found that whilst bicycle-based consumers spend less per transaction, they make more visits and spend the most collectively. This isn't the only connection (...). And the Swiss are in on it too, where research into parking space profitability found that each square metre of bicycle parking generated €7500 annually compared to €6625 for cars. This seems to confirm basic logic (...) cyclists are likely to spend less and shop more.”. Tradução livre.

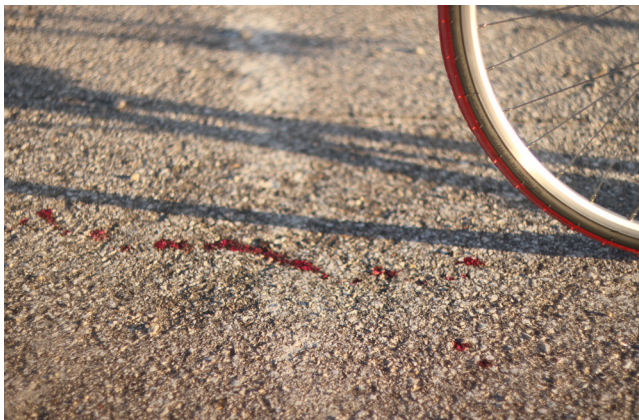


Fig.31 PINGO, utilização

Esta prática apresenta-se, pois, como um dos factores necessários á gradual construção de cidades mais sustentáveis, seguras e resilientes.

Em Portugal o número de habitantes que opta pela bicicleta em prol do do carro tem aumentado exponencialmente. Enquanto que iniciativas como as Alley Cats, as Massas Criativas (que são realizadas em Lisboa há já dez anos), a Pumpkin Ride ou os Cycle Brunchs, contribuem para a sensibilização para o crescimento da comunidade de ciclistas, eventos e publicações como o Jornal Pedal e o Bicycle Film Festival, não só contribuem para a credibilização e coesão dessa.

Em poucos anos abriram diversos estabelecimentos, como a Cicloficina dos Anjos ou o Velocité Café, dedicados não só ao arranjo de bicicletas, como a promoção das mesmas enquanto meio de transporte diário e do ciclismo utilitário enquanto estilo de vida.

Por outro lado, o cicloturismo tem-se manifestado uma prática comum entre famílias e amigos que pretendam ocupar o seu tempo livre, sendo cada vez mais frequentes os eventos culturais que incluem passeios de bicicleta.

Pelas mais diversas razões, o uso da bicicleta como



Fig.32 PINGO, detalhe de utilização

meio de transporte torna-se gradualmente numa realidade presente no quotidiano lisboeta, facto ilustrado pela quantidade de pessoas que a Maça Crítica, que oscila entre os 200 e 300 ciclistas.

Mas, se estes são factos reconhecidos por muitos países, noutros esta é ainda uma realidade recente e, por vezes, de difícil adaptação, por diversas razões, entre elas a inexistência de infra-estruturas que proporcionem segurança e conforto às pessoas que optam por pedalar, ao invés de conduzir.

O contacto directo, sem a devida demarcação, com veículos motorizados – que ou optam por não respeitar os ciclistas ou simplesmente não estão habituados a circular lado a lado com estes – pode tornar uma deslocação de bicicleta num comportamento de risco, questão comprovada pelo avultado número de atropelamentos a ciclistas, que despoletou uma manifestação em 27 cidades de Portugal, no dia 19 de Janeiro de 2013.

Ponderando esta vicissitude, foi concebido um sistema dispensador de tinta à base de água, colocado no quadro, sobre a roda da bicicleta, de modo a permitir ao ciclista ir delineando o seu percurso, através da marca deixada pelo pneu.

Inspirado nos actos ilegais de reivindicação da via pública pelos próprios ciclistas, mais especificamente na iniciativa do colectivo de artistas finlandeses Länsi-

väylä, Pingo materializa este protesto sob a forma de um produto acessível a qualquer ciclista que pretenda manifestar a necessidade de alargar a rede de ciclo-vias e simultaneamente alertar os condutores para a utilização de determinados pontos da via por parte dos ciclistas.

Pingo pretende demonstrar que as ciclovias podem ser possíveis, baratas e fáceis de implementar, facilitando dados às entidades responsáveis pela concretização, nos locais mais apropriados, observando a intensidade de linhas existentes no chão, as quais indicam o nível de afluência de ciclistas em determinada zona.

Sendo o produto baseado em práticas activistas, é apresentado sob três formas: o objecto montado e pronto a utilizar, as peças que o compõem, para que o utilizador tenha a oportunidade de o montar e um manual disponível online que explica e sistematiza a elaboração e montagem desse dispositivo, utilizando recursos comuns, presentes no quotidiano de qualquer pessoa. Pelo mesmo meio, pode ainda ser facultado o ficheiro 3D em plataformas pertencentes a entidades que se dediquem ao apoio e sensibilização para a prática do ciclismo, como os Matilha Cycle Crew.

Este é um projecto open source que visa privilegiar o objectivo que se pretende alcançar, através da sua utilização e não a satisfação que pode decorrer da sua



Fig.33 PINGO, contexto



Fig.34 DÉDALO, dimensão variável, aço e pinho

montagem e posse.

DÉDALO

Dédalo representa a confluência de três projectos diferentes, ainda que complementares, da qual resultou um equipamento urbano facilmente associável aos padrões de comportamento respeitantes á utilização do espaço público enunciados por Jan Ghel.

Segundo Ghel, “o primeiro pré-requisito (para o desenvolvimento do contacto humano) é estar no mesmo espaço. Pelo encontro casual.” (Ghel, 2011, p.19), em virtude da necessidade humana de contacto e estímulo.

Á semelhança de William Whyte, Ghel adopta uma postura pragmática e humana da vivência urbana, defendendo que “o que mais atrai as pessoas (...) são outras pessoas” (Whyte, 2011, p. 353), cuja actividade é alvo de curiosidade e um indicador de medida da qualidade de vida na cidade.

De acordo com Jan Ghel, a qualidade do espaço público não é medida pela quantidade de pessoas que nele se deslocam, mas pela quantidade de pessoas que nele permanecem, para o aproveitar e se envolverem num dos três tipos de actividade definidos pelo autor,

actividades necessárias, opcionais ou recreativas.

O equipamento urbano foi criado a partir de três outras ideias que reuniam funções complementares: um conjunto de bancos de jardim interligados por tubos de comunicação, permitindo a desconhecidos sentados em cada banco interagir entre si; uma estrutura



Fig.35 DÉDALO, utilização



de forma abstracta, promovendo a economia local através de formas de comércio alternativo e nómada, como feiras; e por fim, um banco de jardim destinado aos grupos de pessoas com preferência pelos cantos das escadas, conforme constatado por William Whyte.

O primeiro elemento acima enumerado remonta ao jogo infantil de comunicação através de copos de plástico ligados por fios e procura, de modo simples e inocente, apelar á curiosidade das pessoas que se sentem num desses banco de jardim, incentivando a interacção entre os utilizadores do respectivo conjunto, disperso pelo espaço público.

O segundo elemento solicita o desenvolvimento de diversas actividades no espaço público. Embora desenhado essencialmente para acolher formas de comércio que impliquem maior proximidade entre o comprador e o produtor/ fornecedor, o equipamento foi concebido de modo a estar susceptível a uma utilização mais abrangente, prevendo a possibilidade da sua utilização para piqueniques ou jogos de mesa.

O último daqueles elementos, promove a proximidade física de pessoas no espaço público, frente a frente, incentivando o contacto entre desconhecidos e permitindo a reflexão, ainda que instintiva, sobre a importância da linguagem corporal e da comunicação proxémica (que se foca na distância estabelecida en-



Fig.36 DÉDALO, detalhe

tre as pessoas e no modo como o Homem se coloca no espaço e em relação ao próximo), teorizada por Edward T. Hall, entre outros autores.

Dédalo é uma estrutura dinâmica, reunindo as funções dos seus três elementos genéticos e estimulando a interação entre as pessoas e a manutenção de relações através da reunião de grupos, bem como potenciando a criação de laços entre a vizinhança, criando oportunidades para o desenvolvimento de actividades económicas e sociais no espaço público e “participando de forma modesta, mas definitivamente participando” (Ghel, 2011, p.17) na vida social, cultural e económica da cidade.

A estrutura é composta por tubos de diferentes alturas, unidos através de junções com diferentes configurações (joelhos, T's...), cujas pernas estarão, em algumas situações, ligadas por bancos. Este modelo construtivo permite uma fácil montagem e desmontagem, sendo que deste modo a peça pode assumir diferentes formas que se adaptem ao meio em que é implantada.

Dois dos tubos que a constituem, que se encontram em posições diametralmente opostas, possuem um orifício. Cada orifício é ligado ao outros por uma mangueira, que percorre o interior dos tubos, o que possibilitará a comunicação entre dois estranhos que recorram aos bancos pertencentes á peça, para repousar.

OCUPA

Ocupa, um conjunto de vasos inspirados numa das mais recorrentes formas de revestimento da fachada arquitectónica, o azulejo, combina duas práticas urbanas num conjunto de objectos de uso no espaço público: o guerrilla gardening e as hortas verticais.

O guerrilla gardening – termo utilizado pela primeira vez por Liz Christy e o seu grupo de guerrilha verde, em 1973, em Houston e posteriormente difundido por Richard Reynolds – é essencialmente a prática ilícita de jardinagem em terras sobre as quais os jardineiros não têm direito de as utilizar, muitas vezes descuida-

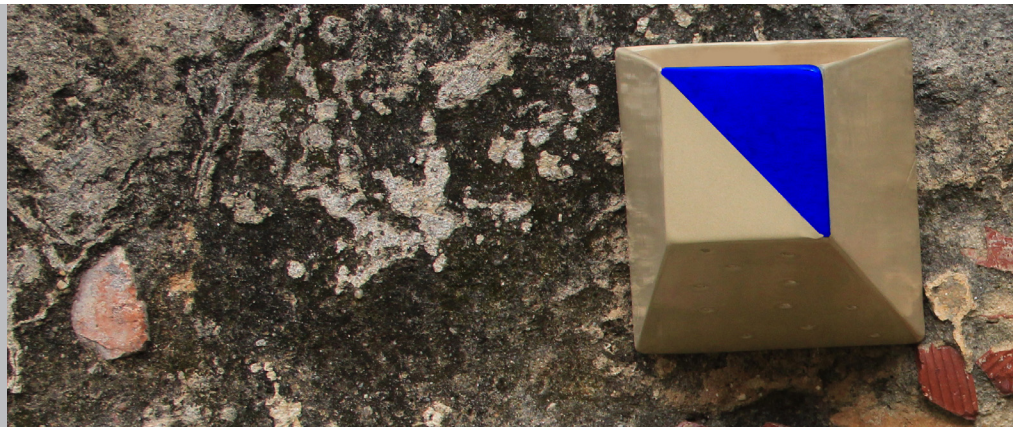


Fig.37 OCUPA, 200 x 200 x 200 mm, faiança vidrada

das, desvalorizadas ou abandonadas. É praticado por diversos tipos de pessoas com diferentes motivações, abrangendo desde o interesse pela jardinagem, à preocupação ambiental, constituindo prática politicamente activista.

Esta é uma prática polémica que propõe a revisão do direito de propriedade da terra ou do seu uso, com o intuito de recuperar terrenos manifestamente negligenciados e, através da sua utilização atribuir-lhes um novo valor, neles cultivando alimentos ou colocando plantas ornamentais, assim envolvendo as comunidades locais na mudança de mentalidades e políticas.

Embora seja ilegal, o guerrilla gardening tem adquirido grande visibilidade e uma quantidade conside-

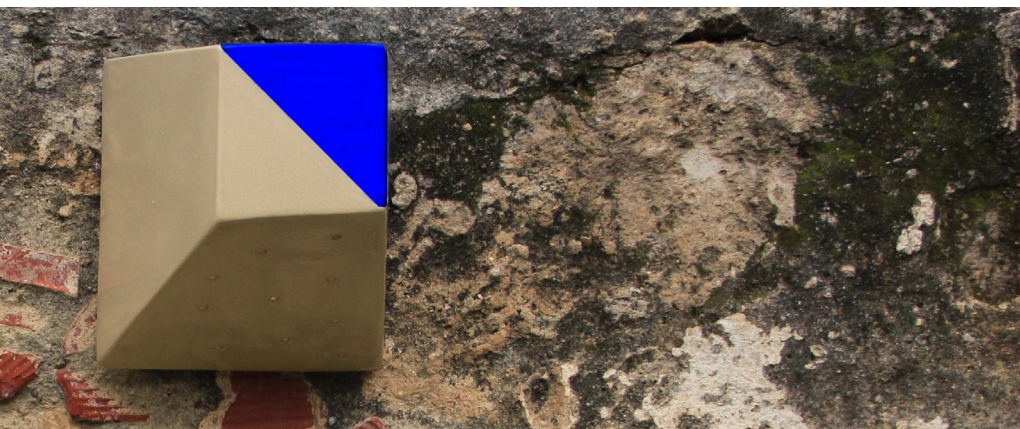




Fig.38 OCUPA, conjunto

rável de adeptos por todo o mundo, estando particularmente presente em inúmeras cidades dos Estados Unidos da América, nas quais a prática tem vindo a ser apoiada gradualmente pelas comunidades e até mesmo, em alguns casos, por entidades municipais. A título de exemplo pode referir-se que em Glasgow esta é uma prática defendida e apoiada, na medida em que resolve uma questão para a qual não existem recursos, a recuperação de áreas abandonadas e negligenciadas.

Por sua vez, as hortas verticais correspondem a um fenómeno de jardinagem urbana concretizada ao longo de paredes e podendo ocupar a uma parte destas ou cobrir todo o edifício. Numa tentativa de aproximar o habitat humano do ambiente natural e selvagem, com este tipo de práticas intenta-se melhorar a qualidade ambiental do meio urbano, bem como a sua paisagem, através da plantação de vegetais e plantas decorativas.

Por outro lado, as hortas urbanas e comunitárias têm-se propagado por grande parte das cidades em Portugal.

Embora não seja uma prática recente, é agora apoiada pelas autarquias, que se ocupam de requalificar



Fig.39 OCUPA, contexto

hortas já existentes, como a do bairro Padre Cruz, e criar novas, como a de Campolide e a de Telheiras. O concurso para aquisição de talhões na horta da Quinta da Granja, em Lisboa, recebeu mais de 400 candidaturas³⁶.

A extrusão das formas geométricas dos azulejos sugere uma forma de utilização análoga destes e torna o conjunto desses objectos num instrumento de intervenção simbólica. Isto é, á semelhança do guerrilla gardening, que recorre á jardinagem para requalificar espaços negligenciados, também estes vasos podem ser colocados em fachadas de edifícios degradados, alertando a população para a necessidade de promover actuações visem solucionar esta questão.

Os vasos são colocados nas fachadas do mesmo modo que as peças cerâmicas para que remetem, os azulejos.

O conjunto de vasos propõe então a apropriação crítica do espaço público por parte dos seus utilizadores, atribuindo valor e uma função a espaços ou elementos degradados.

36 Consultar Anexo II, pasta "Ocupa".

Considerações Finais

Crê-se que o presente projecto tornou claro que a intervenção urbana através do design de produto não se esgota no mobiliário urbano, sendo que este decorre da necessidade de estruturas que suportem as actividades sociais, pressupondo que estas se verificam no espaço público.

Quando tal não acontece, quando se observa um espaço público sem vida e acima de tudo sem vitalidade, onde nada toma lugar a não ser a deslocação constante dos transeuntes de um local para outro, o design de produto enquadrado no contexto urbano assume outro papel, mais indirecto, ambíguo e por vezes anónimo.

Assim, a representação material desta disciplina pode tornar-se numa ferramenta que auxilie quer o cidadão, quer as entidades públicas, através de uma actividade que consista numa análise do meio envolvente e na concepção de produtos, serviços e estruturas³⁷ que o modifiquem ou que alertem para a necessidade dessa transformação, sempre numa óptica colectiva e pública.

37 Neste contexto, o designer de produto pode actuar directamente sobre o problema ou desafio detectado ou agir enquanto moderador, como agente de ligação entre as diferentes áreas de especialização que determinado projecto implique.

Neste contexto específico, os objectos criados apresentam-se como instrumentos de consciencialização para a necessidade de participação activa na construção e desenvolvimento das cidades, para a adopção de uma postura crítica e interventiva perante as políticas de regeneração urbana, manifestando preocupação pela qualidade de vida dos residentes, enquanto conjunto de práticas das quais advêm um bem-estar físico e psicológico, um sentimento de pertença e segurança.

Neste sentido, de acordo com Symonds, (2004), citado por Hicks e Beaudry (2010, p.460), “a cultura material é identificada como desempenho de um papel activo na construção de identidades”, sendo que “tanto reflecte como facilita a acção humana” e “pode ser considerada como uma manifestação física do discurso, como uma expressão tangível de atitudes sociais e crenças”.

Em suma, o design de produto, ao serviço da intervenção urbana pode ser considerado um agente promotor da cultura, da construção de identidade e consequentemente uma disciplina fulcral no desenvolvimento de estratégias de requalificação do meio urbano, focando as políticas de regeneração nos cidadãos, contribuindo para que não tenham um objectivo abstracto ao invés, mas de uma visão realista e humanizada e para que tornem a paisagem urbana numa representação social dos seus habitantes.

Questões por responder / Desenvolvimentos futuros

O projecto desenvolvido constitui uma introdução a um tema que desperta na sua autora grande interesse e curiosidade.

Embora se encontre numa fase embrionária – por representar uma materialização de conhecimentos adquiridos relativamente a tendências sociais e culturais do meio cosmopolita actual e de padrões comportamentais de natureza generalizada – poderá ser desenvolvido no sentido da exibição dos objectos em iniciativas a organizar ou a participar, procurando-se, através deles, o estudo de comportamentos e opiniões que possibilitem a criação de mais equipamentos que consubstanciem a continuidade deste mesmo projecto. Este tipo de acções espera despertar o interesse das entidades responsáveis pela implementação de equipamentos urbanos e estratégias de reabilitação da metrópole.

O aperfeiçoamento dos projectos irá passar quer pela melhoria de questões técnicas e mecânicas, quer pela criação de material de comunicação e divulgação dos mesmos, como vídeos e intervenções no meio cosmopolita.

No caso do Alcoviteiro, pretende-se acompanhar o

trabalho relacionado com sistemas de reconhecimento de voz, desenvolvido pelo L2F³⁸ (Laboratório de sistemas de Língua Falada) , para que o produto possa ser utilizado num contexto nacional. Serão ainda levadas a cabo diversas experiências relacionadas com a optimização do sistema e das componentes utilizadas, com o intuito de tornar o reconhecimento de voz mais rigoroso e economizar o consumo de energia ao ponto de este ser um objecto independente, alimentado por energia solar e colocado em qualquer local.

O Pingo, objecto que verte tinta na roda da bicicleta, continuará também a ser explorado de modo a melhorar o seu desempenho. Tanto a exploração de soluções formais alternativas como as experiências relativas ao tipo de tinta ou consumível ideal para o efeito, encontram-se ainda a decorrer.

O aprofundamento das questões relativas á regeneração urbana, permitirá não só o aperfeiçoamento das soluções apresentadas, mas também a criação de ou-

38 O Laboratório de Sistemas de Língua Falada (L2F) foi criado em Janeiro de 2001 e reúne diferentes grupos de pesquisa relacionados com a área de processamento computacional da língua falada para o Português. O laboratório está integrado na unidade de investigação de sistemas inteligentes de interacção do INESC – ID Lisboa (Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores - Investigação e Desenvolvimento em Lisboa). Ao estabelecer-se contacto com o centro de investigação, concluiu-se que o sistema de reconhecimento de voz em Português desenvolvido não tinha ainda precisão suficiente para ser utilizado publicamente.

tras associadas a programas e estratégias de requalificação do espaço público, promovidos por entidades públicas, nacionais ou com maior amplitude.

Por outro lado, o processo de elaboração deste projecto revelou a valia do trabalho desenvolvido no seio de equipas multidisciplinares e da colaboração com comunidades locais, necessária para a realização de projectos site-specific, focados em problemáticas sociais e culturais, como se sucede no caso do projecto EVA (Exclusão de Valor

Acrescentado)³⁹ ou do Tidy Street⁴⁰. O reconhecimento e valorização deste facto estão associados ao interesse em desenvolver projectos de requalificação urbana em colaboração com pequenas comunidades locais.

Dado que cada produto criado se dirige a uma com-

39 EVA é um projecto promovido pelo Programa Escolhas em colaboração com o Clube Português de Artes e Ideias, integrada no Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social (2010). O projecto incide sobre determinados locais, sendo eles O Bairro 6 de Maio, Cova da Moura, Picheleira, Vale da Amoreira, Bairro do Armador, Martim Moniz e Bairro Alto.

40 Tidy Street é um projecto de poupança de energia, dinamizado por Jon Bird, que teve lugar numa rua de Brighton. Para tal, foi distribuído pelos residentes da rua um medidor de electricidade, para que estes pudessem monitorizar diariamente os seus gastos. Os resultados deste acompanhamento eram então ilustrados diariamente pelo artista urbano Snub no pavimento da rua sob a forma de um gráfico. Através de um software open source os residentes tinham a possibilidade de comparar os seus gastos com os dos vizinhos e com a média nacional.

ponente da vida cidadina – a mobilidade, os espaços verdes, as actividades económicas, os espaços e actividades socioculturais... – a maturação do projecto poderá conduzir também a um aprofundamento de um desses elementos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Augé, M (1994). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. (L.Mucznik, trad.) Venda Nova: Bertrand Editora (obra original publicada em 1992).
- Brandão, P. (2008). *A identidade dos lugares e a sua representação colectiva: Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. [Versão electrónica], Série Políticas da Cidades, (Volume 3). Lisboa: Direcção Geral de Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano.
- Bluemel, H., Bodor, A., Bogdanowicz, T., Bracher, T., Deegan, B., Depoortere, F., Diepens, J., Hilhorst, R. Horn, B., Kilian, Z., Kloof, A. van der, Kuik, F., László, J., Mookerjee, C., Neufeld, R., Tuama, D. Ó, Penalosa, G., Reinig, M., Reiter, K., Risom, J., Tørsløv, N. & Vassilakou, M. (2013). *Enabling Cycling Cities – Ingredients for success*. [s.l.]: Civitas Mimosa.
- Desveaux, J. A. (2013). *Adhocracy*. Consultado dia 20 de Junho de 2013, em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/1887627/adhocracy>
- Florida, R. (2004). *The rise of the creative class*. Cambridge: Basic Books.
- Gehl, J. (2011). *Life between buildings: using public space*. (Koch, J., Trans.). Washington; Covelo; Londres: Island Press.
- Guedes, M.I.C.P. (1987). *A territorialização das relações sociais – Elementos para a análise da vida*

- social local*. Lisboa: Instituto Superior de Ciência do Trabalho e da Empresa.
- Gottdiener, M. (1993). *A produção social do espaço urbano*. (G.G.Souza, trad.). São Paulo: Universidade de São Paulo (obra original publicada em 1985).
- Harvey, D. (2008). The right to the city. *New Left Review*, Volume 53, 23–40.
- Hauger, J. (2011). Research by Design – a research strategy. [Versão Electrónica], *Architecture & Education Journal* (5), 46-56.
- Healey, P. (1997). *Collaborative planning. Shaping places in fragmented societies*. London: MacMillan.
- Hicks, D. (ed.) & Beaudry, M.C. (ed.) (2010). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*. Oxford: Oxford University Press.
- Lydon, M. (2012), *Tactical Urbanism 1: Short-term action, long-term change*. Consultado dia 8 de Abril de 2013, em http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol.1
- Natrasony, S. M. & Alexander, D. (2004). *The rise of modernism and the decline of place: The case of Surrey city centre, Canada*. Vancouver: Simon Fraser University.
- Park, R. (1925). *The city*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Park, R. & Burgess, E. (1984). *The City: Suggestions*

for Investigation of Human Behavior in the Urban Environment. Chicago: The University of Chicago Press.

Peach, J. (2011), *Local Economic Implications of Urban Bicycle Networks*. Consultado dia 10 de Junho de 2013, em <http://thisbigcity.net/local-economic-implications-of-urban-bicycle-networks/>

Putnam, R. D. (1995). Bowling alone: America's declining social capital. *Journal of Democracy* (6), 65-78.

Wansborough, M. (2000). The role of urban design in cultural regeneration. [Versão Electrónica], *Journal of Urban Design*, Volume 5 (2), 181-197.

Weaver, M. (2001). *Introduction paper: Urban regeneration*. Consultado dia 27 de Junho de 2013 , em <http://www.med-pact.com/Download/Archimedes/12%20Introduction%20Paper%20Urban%20Regeneration.pdf>

Weber, M. (1966). *The city*. Nova Iorque: The MIT Press.

Whyte, W. H. (2011). The Life of Plazas. In M. Larice, & E. MacDonald, *The Urban Design Reader*. New York: Routledge. pp. 352-354.

Bibliografia Consultada

- Agier, M. (2011). *Antropologia da cidade: Lugares, situações, movimentos*. (G. Í. Cordeiro, Trad.). São Paulo, Editora Terceiro Nome.
- Bacon, E. N. (1982). *Design of cities*. Londres: Thames and Hudson.
- Barnett, J. (1982). *An introduction to urban design*. New York: Harper & Row.
- Bothwell, S. E., Gindroz, R. & Lang, R. E. (1998). *Restoring community through traditional neighborhood design: A case study of diggs town public housing*. [Versão electrónica], Housing Policy Debate, Volume 9 (1), 89-114.
- Bourdieu, P. (1989). *Social space and symbolic power*. [Versão Electrónica], Sociological Theory, Volume 7 (1), 14-25.
- Bradwell, P. & Marr, S. (2008). *Making the most of collaboration: An international survey of public service co-design*. (Relatório de Pesquisa 23), Londres, Demos & PricewaterhouseCoopers Public Sector Research Centre.
- Brown, L. J., Dixon, D. & Gilham O. (2009). *Urban design for an urban century: Placemaking for people*. Nova Jérσία: John Wiley & Sons.
- Cartwright, R. M. (1980). *The design of urban space*.

- Londres: Architectural Press.
- Costa, P. (2000). Centros e margens: Produção e práticas culturais na àrea metropolitana de Lisboa. [Versão electrónica], *Análise Social, Volume 34* (154), 957-983.
- Costa, A. F. (2002). Identidades culturais urbanas em época de globalização, *Revista Brasileira de Ciências Sociais, Volume 17* (48), 15-30.
- Costa, A. F. da (2008). *Sociedade de bairro: Dinâmicas sociais da identidade cultural*. (2ª edição). Lisboa: Celta Editora.
- Cotrim, I. (coord. ed.), Martins, A. S., et al. (2005). *Do projecto ao objecto: Manual de boas práticas de mobiliário urbano em centros históricos*. (2ª edição). Lisboa: Centro Português de Design.
- Duncan, J. & Ley, D. (ed). (1994). *Place / Culture / Representation*. (2ª edição). Londres: Routledge.
- Finnegan, R. (1998). *Tales of the city. A study of narrative and urban life*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Fleming, R. L. (2007). *The art of placemaking: Interpreting community through public art and urban design*. Nova Iorque: Merrell.
- Florida, R. (2005). *The cities and the creative class*. Nova Iorque: Routledge.
- Gehl, J. (2010). *Cities for people*. Washington: Island Press.

- Hustwit, G. (real) (2011). *Urbanized*. [DVD]. EUA: Aerofilms.
- Índias, G. C. (2003) Uma certa ideia de cidade: Popular, bairrista e pitoresca [Versão electrónica], *Sociologia*, (13), 185-199.
- Knox, P. L. (2011). *Cities and design*. Nova Iorque: Routledge.
- Lynch, K. (1996). *City sense and city design*. [Versão Electrónica], (3ª edição). Cambridge: The MIT Press.
- Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade*. (M.C. Tavares, Trad). Lisboa: Edições 70. (Obra originalmente publicada em 1960).
- Magnet, M. (2001). *Paradigma urbano: as cidades do novo milénio*. (José Rafael R. & Vitor A., trad.) Lisboa: Quetzal Editores.
- Martins, J. P. (2001). O design como fragmento da cidade. In Martins, J.P. (ed. lit.) *Daciano da Costa, designer* (206-233). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mikoleit, A. (2011). *Urban code: 100 lessons for understanding the city*. Cambridge: The MIT Press.
- Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. [Versão electrónica], *Monografies Psico/Socio/Ambientals* (9). Barcelona: Publicacions Universitat de Barcelona.
- Pol, E. & Valera, S. (1999). *Symbolisme de l'espace*

- public et identité sociale. *Villes en Parallèle*, Volume 28-29, 13-33.
- Remesar, A (Ed.). (2005). *Urban regeneration: A challenge for public art*. Barcelona: ed. do autor, 2005.
- Short, J. R. (1991). *The humane city*. (2^o edição). Cambridge: Basil Blackwell.
- Sieber, T., Índias, G. C. & Ferro, L. (2012) The neighborhood strikes back: Community Murals by youth in Boston's communities of color, *City & Society, Volume 24*(3), 263-280.
- Silverstone, R. (ed). (1997). *Visions of suburbia*. Londres: Routledge.
- Sorkin, M. (2011) *All over the map: Writing on buildings and cities*. Londres: Verso.
- Spreiregen, P.D.(1965). *Urban design: The architecture of towns and cities*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company.
- Varda, A. (real). (2011). *Daguerréotypes*. [DVD] Alemanha, França: Ciné Tamaris, Paramount Home Video, The Cinema Guild.
- Whyte, W. H. (2001), *The social life of small urban spaces*. Nova Iorque: Project for Public Spaces Inc.

Bibliografia Eletrónica Consultada

- Badger, E. (2013). *What we can learn about a city by mapping its park*. Consultado dia 3 de Maio de 2013, em <http://www.theatlanticcities.com/neighborhoods/2013/06/what-we-can-learn-about-city-mapping-its-parks/5794/>
- Beuman, N. (2011), *Rereading: The death and life of great American cities by Jane Jacobs*. Consultado dia 26 de Maio, em <http://www.guardian.co.uk/books/2011/oct/14/jane-jacobs-death-and-life-rereading>
- Campanella, T. J. (2011). *Jane Jacobs and the Death and Life of American Planning*. Consultado dia 26 de Maio de 2013, em <http://places.designobserver.com/feature/jane-jacobs-and-the-death-and-life-of-american-planning/25188/>
- Camponeschi, C. (2010). *The enabling city: Place-based creative problem-solving and the power of the everyday*. Consultado dia 3 de Dezembro de 2012, em <http://enablingcity.com/#read>
- Goodyear, S. (2013). *Painting your own crosswalk: Crime or civic opportunity?* Consultado dia 3 de Maio de 2013, em <http://www.theatlanticcities.com/commute/2013/06/painting-your-own-crosswalk-crime-or-civic-opportunity/5791/>
- Hodgson, K. (2011). *Community character: How arts*

- and cultural strategies create, reinforce, and enhance sense of place.* Consultado dia 12 de Dezembro de 2012, em <http://www.planning.org/research/arts/briefingpapers/character.htm>
- Jacobs, J. (1958). *Downtown is for people.* Consultado dia 26 de Maio de 2013, em <http://features.blogs.fortune.cnn.com/2011/09/18/downtown-is-for-people-fortune-classic-1958/>
- Jurca, D. & Kruth, J. (2012). *Pop-Up Rockwell final report.* Consultado dia 23 de Maio de 2013, em http://issuu.com/ksucudc/docs/5_31_12_pop_up_rockwell_final_report_2
- Killing Architects (2008). *Urban tactics: Temporary interventions + long-term planning.* Consultado dia 23 de Maio de 2013, em http://issuu.com/alisonkilling/docs/urbantactics_tempinterventions_longtermplanning
- Lydon, M. (2012), *Tactical Urbanism 2: Short-term action, long-term change.* Consultado dia 8 de Abril de 2013, em http://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol_2_final#download
- Peach, J. (2011), *Local Economic Implications of Urban Bicycle Networks.* Consultado dia 10 de Junho de 2013, em <http://thisbigcity.net/local-economic-implications-of-urban-bicycle-networks/>
- Rapp, A. (2009). *Personal Space.* Consultado dia

- 7 de Maio de 2013, em <http://observatory.designobserver.com/entry.html?entry=8597>
- Shellhammer, B. (2010). *Robert Hammond: Chance encounters*. Consultado dia 13 de Maio de 2013, em <http://www.dwell.com/interviews/article/robert-hammond-chance-encounters>
- Stephenson, R. (2012). *Portfolio: Five Borough Farm*. Consultado dia 23 de Maio de 2013, em <http://urbanomnibus.net/2012/07/portfolio-five-borough-farm/>
- Stock, T. (2009). *The psychology of space*. Consultado dia 6 de Maio 2013, em <http://www.slideshare.net/scenariodna/the-psychology-of-space-design-research-methods>
- Turan, I. (2012). *Gardener on the roof: Examining urban farming*. Consultado dia 23 de Maio de 2013, em <http://urbanomnibus.net/2012/03/gardener-on-the-roof-examining-urban-farming/>
- Urban Omnibus (2012). *Seeing green: Urban agriculture as green infrastructure*. Consultado dia 23 de Maio de 2013, em <http://urbanomnibus.net/2012/02/seeing-green-urban-agriculture-as-green-infrastructure/>
- Zukin, S. (2011). *Jane Jacobs: Why the neo – cons loved communitarian urbanist Jane Jacobs*. Consultado dia 26 de Maio de 2013, em <http://www.architectural-review.com/essays/-jane-jacobs/8621634.article>.

. 08

ANEXO I

. 09

ANEXOS II

